





**A PRIMEIRA
PRESIDENCIA**

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

**CONSELHO
DOS DOZE**

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hincley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

**COMITE DE
SUPERVISAO**

James E. Faust
Paul H. Dunn
M. Russel Ballard

EDITOR

James E. Faust

**EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE**

Larry Hiller,
Editor Gerente;
Verl F. Scott,
Gerente de Negócios;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Roger Gylling,
Desenhista

**EXECUTIVO DA
«A LIAHONA»**

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A ^{31 / 11} novembro 1978
Liahona

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
O Lar Santo dos Últimos Dias Ideal, Presidente Marion G. Romney
- 4 Perguntas e Respostas, Franklin D. Richards e Eldin Ricks
- 6 Perguntas e Respostas, Larry Hiller
- 9 Confiança, Chave para um Testemunho, Annette Parkinson
- 12 Diário Mórmon: Exemplo Missionário
- 14 Elizabeth Francis Yates: Provação pelos Desgostos
- 39 Produzir Homens, e Não Pêssegos, Ezra Taft Benson
- 42 Sistemas de Escrita Entre os Povos do Livro de Mórmon, John L. Sorensen
- 46 Meu Pai — O Companheiro Sênior, Elouise Bell
- 52 Abnegação, Élder Vaughn J. Featherstone

SUPLEMENTO JUVENIL:

- 25 Você Já Olhou Para um Floco de Neve? Olive W. Burt
- 29 O Menino do Interior, Margery S. Cannon e Laurence C. Wilkinson

NOTÍCIAS LOCAIS:

- 17 "Casa do Senhor — Santidade ao Senhor"
- 19 Templo de São Paulo, um Missionário
- 22 A Casa do Senhor Está Pronta
- 34 13.^a Estaca Organizada no Brasil
- 38 Firmes, Marchai!

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuguí, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

GM
M205,51
L694P
v. 31
1978

Um lar Santo dos Últimos Dias ideal é presidido por pais que foram selados um ao outro pelo poder do sacerdócio, e crianças, que se não nasceram sob o convênio, foram seladas a seus pais. Tal lar foi adquirido, ou seja, comprado ou alugado com dinheiro do qual já se pagou o dízimo; e paga-se o dízimo da renda de todos os membros da família.

No verdadeiro lar Santo dos Últimos Dias, cada dia começa e termina com uma oração, tanto familiar como em segredo. O Evangelho de Jesus Cristo é ensinado e praticado por preceito e por exemplo.

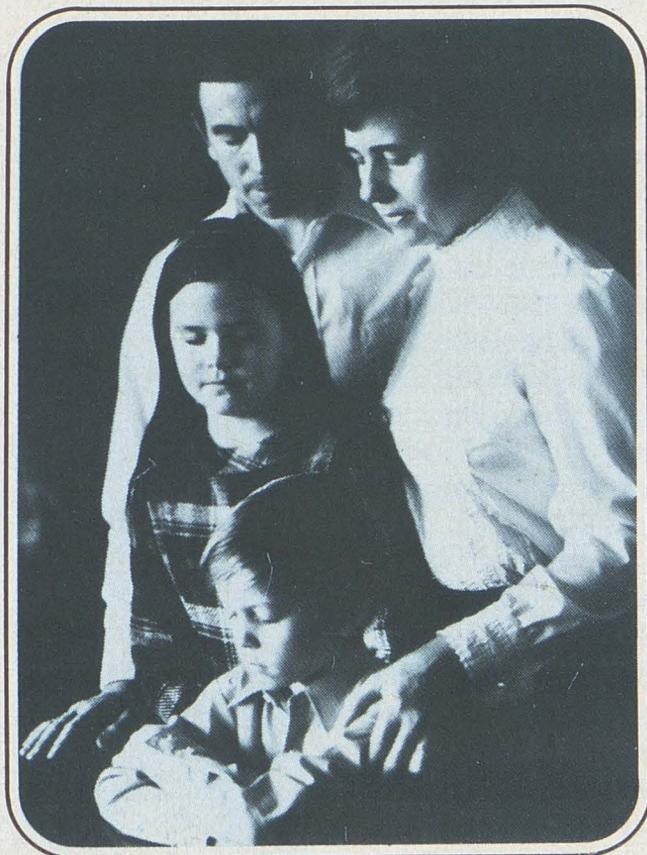
Nesse lar honra-se o Sacerdócio.

Os componentes de um verdadeiro lar Santo dos Últimos Dias são leais

Mensagem da Primeira Presidência

O LAR SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS IDEAL

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



uns aos outros. Eles se amam, honram e apóiam-se mutuamente.

Os Santos dos Últimos Dias têm um conceito sobre o matrimônio diferente de todos os outros. Para eles, o casamento é, como o é para a maioria das pessoas, o início de uma família mortal. Mas para os Santos dos Últimos Dias, é também o início de uma família eterna. O esposo e a esposa são selados pelo Santo Sacerdócio e pelo Santo Espírito da Promessa, para que sua união continue por toda a eternidade. Os filhos serão deles para sempre. Alcançar esta esperança e expectativa é o conceito de céu dos Santos dos Últimos Dias.

Este conceito inspira os noivos e noivas em perspectiva, Santos dos Últimos Dias, a viverem vidas limpas e puras. Eles sabem, como o Presidente David O. McKay costumava dizer, que, “enquanto o casamento no templo é uma consumação meritória, dignidade para passar pelo templo é a coisa fundamental, e ela é determinada durante seus anos de namoro e aqueles que precedem o casamento. . . A felicidade de uma vida de casado inicia-se durante o namoro — não quando é realizada a cerimônia nupcial. Pureza na vida é essencial para um bem sucedido casamento no templo.” (Reunião no Templo, 25 de junho de 1959.)

Vocês, maridos e esposas, que não foram selados, devem estabelecer o casamento no templo como sua meta. Qualifiquem a si mesmos, vivendo os padrões do evangelho. Busquem a diretriz do Senhor em sua preparação e aí de alguma forma, dirijam-se ao templo e sejam selados.

O Presidente Brigham Young disse certa vez: “Não há nenhum rapaz

em nossa comunidade que não estaria desejoso de viajar daqui até a Inglaterra para se casar da maneira correta, se ele compreendesse as coisas como realmente são; não há nenhuma moça em nossa comunidade que, amando o evangelho e desejando suas bênçãos, se casaria de qualquer outra maneira.” (Journal of Discourses, 11:118.)

Já mencionei que um lar Santo dos Últimos Dias é o que foi adquirido com dinheiro do qual se pagou o dízimo. Em relação ao dízimo, o Presidente Brigham Young disse: “O Senhor instituiu o dízimo; ele foi praticado nos dias de Abraão, Enoque e Adão. . . Desejo mencionar simplesmente isto àqueles que professam ser Santos dos Últimos Dias



— se negligenciarmos os dízimos e ofertas, receberemos o castigo das mãos do Senhor. Podemos considerar esta declaração como verdadeira. Se formos negligentes no pagamento de dízimos e ofertas, negligenciaremos outras coisas e isto irá arraigar-se em nós, até que o Espírito do Evangelho nos deixe completamente, e assim estaremos na escuridão, não sabendo para onde ir.” (Journal of Discourses, 15:163, também em “Discourses of Brigham Young”, edição de 1951, p. 174.)

Cada verdadeiro lar Santo dos Últimos Dias é um lar de oração. A primeira diretriz registrada que o

Senhor deu a Adão e Eva, após sua expulsão do Jardim, foi um mandamento “de que eles deveriam adorar o Senhor seu Deus.” (Moisés 5:5.) Desde essa época até hoje, esse mandamento divino foi repetido mais freqüentemente que qualquer outro. As famílias e os membros da Igreja individualmente o negligenciam a seu próprio risco.

“Ora sempre”, disse o Senhor, “para que possas sair vencedor; sim, para que possas vencer Satanás e escapar das mãos dos servos de Satanás, que apóiam o seu trabalho.” (D&C 10:5.) “E um mandamento lhes dou — que quem não observar,

“O autêntico alicerce do reino de Deus,
da justiça, do progresso, do desenvolvimento,
da vida e do crescimento eternos no
reino de Deus, está fundamentado no lar divinamente
ordenado.” — Presidente Joseph F. Smith.

no devido tempo, as suas orações perante o Senhor, que seja lembrado diante do juiz de meu povo.” (D&C 68:33.)

“O autêntico alicerce do reino de Deus, da justiça, do progresso, do desenvolvimento, da vida e do crescimento eternos no reino de Deus, está fundamentado no lar divinamente ordenado, “disse o Presidente Joseph F. Smith e “não deve haver dificuldade para conservar o lar na maior reverência e com pensamentos sublimes se for edificado sobre os princípios de pureza, da verdadeira afeição, da retidão e da justiça. O marido e a mulher que têm perfeita

confiança um no outro, e que resolvem seguir as leis de Deus e cumprir a sua missão aqui na terra, não ficariam, e jamais poderiam ficar satisfeitos sem o lar. Os seus corações, sentimentos, mentes, desejos, tenderiam, naturalmente, para a edificação de um lar e família, e de um reino deles mesmos, para o estabelecimento do alicerce do crescimento, poder, glória, exaltação e domínio eternos, mundos sem fim.” (Joseph F. Smith, **A Doutrina do Evangelho**, Curso para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, 1972-73).

O céu é simplesmente a continuação do lar ideal.

Perguntas e Respostas



Franklin D. Richards, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

Com que frequência eu deveria pedir uma bênção do Sacerdócio? Sempre que me sinto doente, inquieto ou inseguro?

A resposta a essa pergunta é basicamente oferecida no *Manual do Sacerdócio de Melquisedeque*, onde se lê:

Em ocasiões especiais, os líderes do Sacerdócio de Melquisedeque, bispos, pais (para suas famílias) e outros que possuem o Sacerdócio de Melquisedeque, por sua própria iniciativa ou quando forem chamados, podem dar bênçãos especiais de conforto e conselho, conforme as circunstâncias exigirem. As situações que podem dar motivo a essas bênçãos são as seguintes:

“Numa época de tensão e provações, de dificuldade mental, emocional ou física, tal como quando ocorre um falecimento na família, ou quando uma pessoa se está preparando para ser hospitalizada para uma operação.

“Se houver uma enfermidade, a bênção pode ser parte da ordenança da administração ao enfermo; ou de outro modo, pode ser uma bênção de conforto.

“Existem exemplos em que os indivíduos devem resolver os seus problemas sem uma bênção especial do Sacerdócio. Não podemos fixar nenhuma regra definida para designar o que deve ser feito em cada exemplo, a não ser a de que você precisa sempre da inspiração do Senhor.” (Pp. 25-26.)

Sugiro também que seu mestre familiar, líder de quorum, ou bispo poderão dar-lhe conselhos em ocasiões especiais.



Eldin Ricks,
Departamento de Escrituras antigas,
Universidade de Brigham Young.

Como se explica Apocalipse 22:18, onde se diz que não devemos acrescentar às escrituras?

Por acreditarmos que o *Livro de Mórmon*, *Doutrina e Convênios* e *Pérola de Grande Valor* são escrituras

adicionais, sua pergunta é bem apropriada. Antes de discutir a escritura, contudo, vamos colocar os versículos 18 e 19 diante de nós.

“Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; “E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro.”

Analisemos primeiramente o que João quis dizer por “este livro” e depois consideremos o que ele quis dizer sobre não acrescentar ou tirar dele. Quando João escreveu o Livro de Apocalipse na última parte do primeiro século da era cristã, ele não estava escrevendo as páginas conclusivas do Novo Testamento, visto que não existia Novo Testamento naquela época. Ele encontrava-se em exílio na Ilha de Patmos, e estava escrevendo um pergaminho endereçado aos sete ramos da Igreja no lado ocidental do que hoje chamamos de Turquia. Seu manuscrito era inteiramente independente dos outros 26 manuscritos separados, que mais tarde vieram a formar a antologia que conhecemos como Novo Testamento. Seu manuscrito também não foi necessariamente o último a ser escrito. É o consenso daqueles que escreveram sobre o assunto que vários destes 27 pergaminhos foram escritos depois que o Livro de Apocalipse foi terminado. Somente no quarto século D.C. é que a coleção de escritos sagrados se tornou o Novo Testamento, essencialmente como o conhecemos hoje. Em vista destes fatos, verificamos que, quando João falou “deste livro”, não se estava referindo a um ainda não formado Novo Testamento, mas simplesmente se referia a seu próprio pergaminho, o próprio Livro de Apocalipse.

O que João quer dizer, quando ordena que ninguém acrescente ou tire palavras dele? Ele quer dizer que ninguém deve-

ria adulterar o texto de seu manuscrito de modo algum. Ele não quer que nenhum copista, provável enganador, ou crente bem intencionado, porém mal orientado faça qualquer mudança em seus escritos. Ele deseja que o manuscrito permaneça precisamente da mesma forma como o escreveu sob a inspiração do Senhor. É interessante que o autor de Deuteronômio, o quarto livro do Velho Testamento, adverte seus leitores de maneira semelhante: “Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela.” (Deut. 4:2, compare com Deut. 12:32.) Em ambos os casos, os escritores ordenam aos futuros observadores de seus sagrados manuscritos que não alterem nada que foi escrito. Felizmente, parece que ninguém está discutindo, baseado na declaração em Deuteronômio, que não deveria haver mais escrituras, pois dessa maneira algumas pessoas poderiam concluir que o resto da *Bíblia* deve ser rejeitado.

João não está dizendo que nunca haveria escrituras adicionais, mas a conclusão inevitável que podemos obter do Livro de Apocalipse, quando considerado como um todo, é que ele reconhecia que haveria escrituras adicionais nos últimos dias. Como pode ser isso? O que é escritura, senão revelação divina de maneira escrita? Uma boa parte do Livro de Apocalipse é uma profecia sobre mensageiros celestiais vindo à terra numa época após os dias de João. Quando tais mensageiros vierem e um *registro escrito* for feito sobre sua visita e mensagem, automaticamente se formará nova escritura. No capítulo 11 do Livro de Apocalipse, João prediz a missão de dois profetas que profetizarão na cidade de Jerusalém na época do fim. Quando eles profetizarem, e sua mensagem revelada por Deus for preservada em um *registro escrito*, novamente se formará uma escritura. Destacando-se de todos os outros eventos de significado profético no Livro de Apocalipse, está a predita segunda vinda de Cristo. Quando Cristo vier e os homens de Deus fizerem

um *registro escrito* de sua vinda, uma vez mais nova escritura será formada.

Ao invés de o Livro de Apocalipse ensinar que não haveria mais escrituras dadas à família humana, esse pequeno volume, visto desde o início até o fim, torna-se uma evidência esplêndida de que haveria e deveria haver escrituras adicionais nos últimos dias.



Larry Hiller

Como posso desenvolver maior fé?

Tenho certeza de que muitos de nós já fizemos essa pergunta a nós mesmos, uma vez ou outra, especialmente quando lemos escrituras como Hebreus 11:6, que mencionam que “sem fé é impossível agradecer (a Deus)”.

Posso sentir uma profunda empatia pelo pai da criança aflita em Marcos 9:24, quando ele clamou: “Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade.” Creio que ele estava dizendo “Sabes que meu coração está dominado por dúvidas. Por favor, ajuda me a suportá-las.”

Houve uma época em minha própria vida na qual me encontrei imaginando por que não era capaz de exercitar mais fé, principalmente porque sentia possuir um testemunho de que Deus vive e que

ele é perfeito e capaz de fazer todas as coisas. Enquanto orava e ponderava o assunto, cheguei à conclusão de que, enquanto eu acreditava em nosso Pai nos céus e em seu poder e amor, não tinha certeza sobre minha própria dignidade de receber as bênçãos que desejava. Também não estava muito certo, por vezes, se o que eu desejava era o desejo do Senhor — ou pelo menos, não era contrário ao seu desejo.

Conforme continuei a estudar o assunto e tentar eu mesmo ganhar mais fé, descobri alguns princípios-chave que são importantes para qualquer pessoa que deseja maior fé. Eles de maneira alguma tratam do assunto completo, mas são importantes para iniciar.

Em suas *Preleções sobre a Fé*, o Profeta Joseph Smith declarou: “Um conhecimento verdadeiro para qualquer pessoa, de que o curso da vida que ela está levando é de acordo com a vontade de Deus, é essencialmente necessário para permitir-lhe possuir aquela *confiança* em Deus, sem a qual ninguém pode obter vida eterna.” (Sexta Preleção: 2. Itálicos adicionados.)

A palavra *confiança* ajudou-me a melhor compreender o que é fé. Lembra-me daqueles poderosos versículos na seção 121 de Doutrina e Convênios. Ali o Senhor enumera alguns princípios importantes sobre os quais o sacerdócio deve operar: longanimidade, mansuetude, ternura, amor não fingido, benignidade, caridade, pureza de pensamento etc. — e promete que “então tua *confiança* se tornará forte na presença de Deus.” (Veja D&C 121: 41-45; itálicos acrescentados.)

Descobri que isto é verdadeiro. Nossa habilidade de exercitar a fé parece depender em grande medida de nossa confiança, de nossa própria retidão. Não acho que se espere que vivamos uma vida perfeita antes que possamos ter alguma fé, mas é certo que devemos estar constantemente trabalhando no caminho da perfeição. Nossa atitude de guardar os manda-

mentos e participar da Igreja deve ser mais que simples rotina e um hábito displicente. Deve haver um desejo ardente, uma fome e sede de justiça. Devemos estar "*ansiosamente* envolvidos em uma boa causa". (D&C 58:27; *itálicos adicionados.*) Devemos ter uma comunhão com o nosso Pai Celestial, ao invés de simplesmente falar nossas orações.

Junto com a dignidade, no que ela se refere à fé, Joseph Smith fez menção específica ao princípio do Sacrifício. Ele disse que o nível de fé necessário para "Assegurar a vida eterna", requer o sacrifício de todas as coisas terrenas, nem mesmo preservando nossa própria vida. "É por meio do sacrifício de todas as coisas terrenas, que os homens realmente sabem que estão realizando o que é agradável aos olhos de Deus." (Sexta Preleção: 7.)

Agora, a menção do sacrifício de todas as coisas terrenas e renúncia de nossa própria vida podem criar imagens de darmos todas as nossas possessões para a Igreja ou sermos matirizados pela causa da verdade. Isto pode ou não ser requerido de nós em certa ocasião... apesar de eu achar que o desejo deve sempre estar lá presente. Contudo, podemos sacrificar todas as coisas terrenas, concentrando-nos no armazenamento de tesouros no céu. E podemos dar nossa vida, ao devotá-la ao serviço do reino.

Creio que aprendemos a sacrificar, da mesma forma que ganhamos domínio sobre os outros princípios do evangelho — passo a passo. Quando fazemos sacrifícios, apesar de parecerem pequenos quando comparados ao sacrifício de nossa própria vida, o resultado é um aumento de confiança diante do Senhor.

Por exemplo, o pagamento do dízimo ajuda-nos a aumentar nossa fé. Quando pagamos o dízimo (integral) e somos generosos em nossas ofertas de jejum e compromissos financeiros para com a Igreja, será que isso não nos auxilia a ser-

mos confiantes, quando vamos ao Senhor buscando ajuda com nossos problemas, financeiros ou outros? Acho que ajuda.

E quando sacrificamos outras coisas, a fim de obter nosso suprimento anual de alimentos, conforme os profetas nos aconselharam a fazer, será que não teremos menos ansiedade pelo futuro? Será que não sentimos que podemos buscar o Senhor para nos auxiliar, em meios além de nossas habilidades?

Se uma pessoa tem um cargo na Igreja e sacrifica seu tempo pessoal para cumprir o chamado, será que ela não se sente mais confiante para ir ao Senhor buscando auxílio em cumprir suas outras obrigações?

Conforme crescemos em retidão e aprendemos a sacrificar-nos, nossa fé se fortalece. O Élder Bruce R. McConkie declara: "Fé é um dom de Deus conferido como recompensa pela retidão pessoal. É sempre concedida quando a retidão está presente, e quanto maior a medida da obediência às leis de Deus, maior será a investidura de fé." (*Mormon Doctrine*, 2.^a Edição, pág. 264.)

Agora, conforme tentamos viver retamente e desenvolver maior fé, acho que é importante lembrar que há alguém que não quer que tenhamos fé. Satanás frequentemente nos lembra de numerosas falhas e fraquezas pequenas, a fim de nos desencorajar e diminuir nossa eficiência. Lembro-me de uma vez quando, após ter recebido um cargo na Igreja, passei por uma terrível agonia de dúvidas sobre minha dignidade. Então, quando fui designado, recebi uma certeza daquele que estava dando a bênção, de que eu era considerado digno. Não havia expressado aquelas dúvidas a ninguém, portanto a certeza havia vindo como uma revelação, e fui confortado e encorajado. Restaurou-se minha confiança.

Muitos têm dúvidas semelhantes de tempos em tempos, que podem vir a um portador do sacerdócio, quando lhe pe-

dem que dê uma bênção a uma pessoa doente. Há uma recordação imediata de palavras iradas, pensamentos indignos, deveres não realizados. Não importa se essas recordações são geradas por Satanás ou por nossa própria mente, quanto mais retamente estivermos vivendo, menos munção poderá ser usada contra nós. Também, se houvermos desenvolvido um relacionamento pessoal com nosso Pai nos céus, confessando livremente nossos pecados e nos utilizando do princípio do arrependimento, podemos estar tranqüilos ao pedir ao Senhor que nos conceda nossos desejos, apesar das faltas que ainda temos.

Outra armadilha que gostaria de mencionar em relação à fé, é a tendência de tornar-se impaciente. Lemos ou ouvimos histórias promotoras da fé sobre curas, acalmar tempestades etc., que são quase instantâneas. Ficamos pensando por que não acontece isso conosco. Pelo fato de o Senhor não agir imediatamente após

nosso pedido, começamos a pensar se ele não vai agir. Mas precisamos lembrar-nos de que o Senhor nos admoestou a esperar nele pacientemente. (Veja D&C 98:2.) Paciência é parte da fé.

Viver em retidão, portanto, inclusive fazer os sacrifícios requeridos de nós, é necessário antes que possamos obter suficiente fé no Senhor. Junto com isso, devemos ser pacientes; e precisamos lembrar-nos de que o Senhor será misericordioso, se estivermos sinceramente nos esforçando por superar o pecado, apesar de ainda não sermos perfeitos.

Sendo que fé em Nosso Senhor Jesus Cristo é o primeiro princípio do Evangelho (4.^a Regra de fé' e visto que fomos admoestados a 'procurar com zelo os dons melhores" (D&C 46:8), fé é um dom que cada Santo dos Últimos Dias deve insistentemente buscar. Certamente esse é um dom que o Senhor deseja que cada um de nós possua.

“Faça-o” é a Palavra de Ordem do Profeta Durante a Conferência

A primeira conferência de área realizada nos Estados Unidos, no auditório Blaisdell Center, em Honolulu, Havaí, encerrou-se com a palavra do Presidente Spencer W. Kimball, apelando ao povo: “faça-o!”, no domingo, 18 de junho do corrente ano.

O Presidente Kimball assim falou, referindo-se às instruções recebidas pelos membros nas duas sessões da conferência de área, as nove sessões de rededicação do templo do Havaí em Laie, e a assembléia solene, realizada em Kaneohe, onde as Autoridades Gerais usaram da palavra.

“Voltem aos seus lares”, instruiu o Presidente Kimball, “reúnam suas famílias, e ensinem-nas. Ajudem-nas a saber e fazer.”

Advertiu o profeta que conhecer apenas não é o suficiente. “Até os demônios têm conhecimento, mas não agem corretamente”, disse ele. “Não pensem e falem simplesmente a respeito das coisas. Executem-nas.”

No discurso de encerramento, o Presidente Kimball mencionou vários princípios que os membros devem pôr em prática em sua vida, como o pagamento do dízimo, casamento no templo, a realização de noites familiares, e as orações em família.

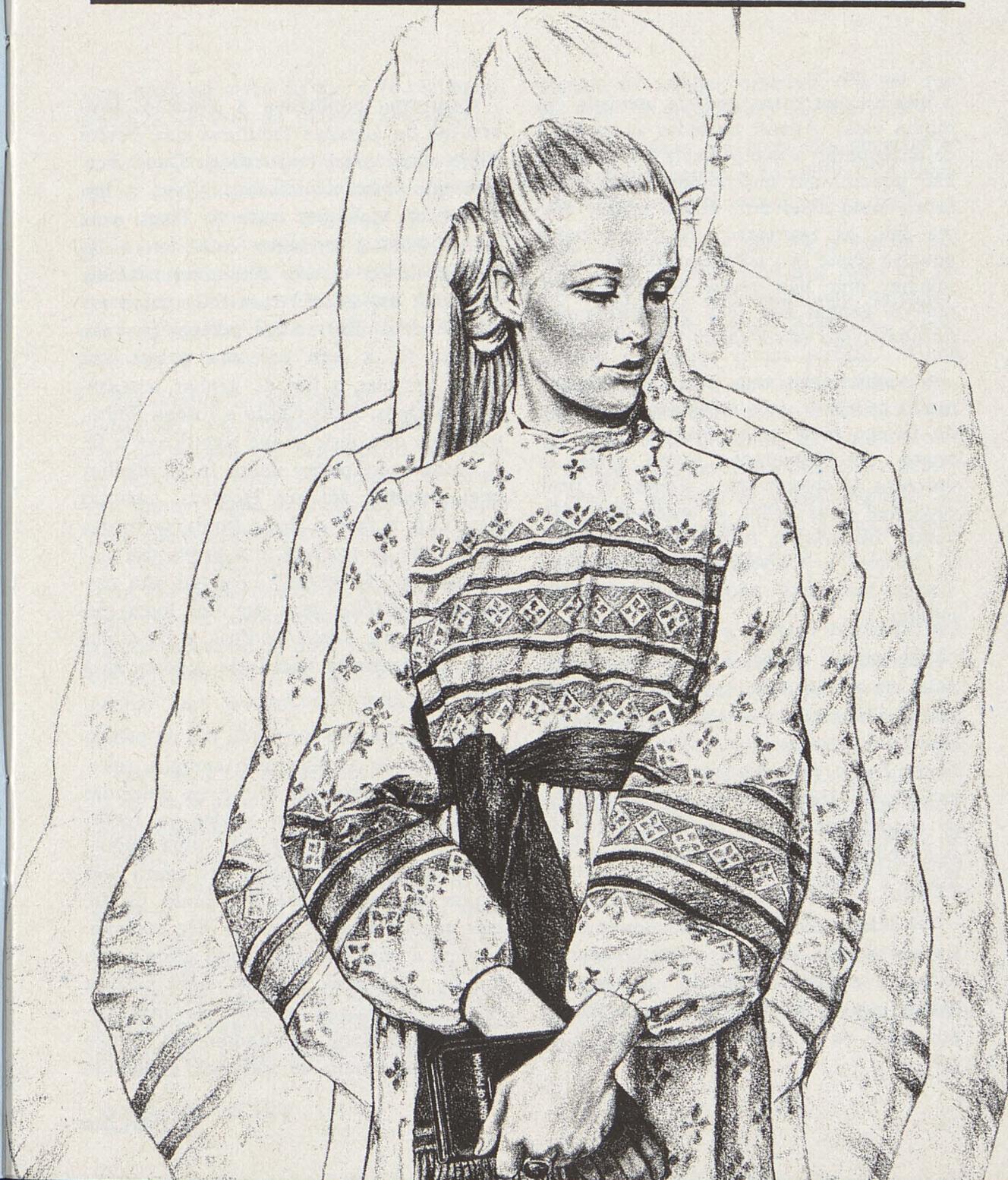
Os oradores, além do presidente Kimball, foram o Presidente N. Eldon Tanner e o Presidente Marion G. Romney, da Primeira Presidência; o Presidente Ezra Taft Benson, e os élderes Howard W. Hunter e Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze; e também os élderes Marion D. Hanks, O. Leslie Stone, Adney Y. Komatsu e John H. Groberg, do Primeiro Quorum dos Setenta.

A primeira sessão da conferência, à qual compareceram 8.290 pessoas, foi televisionada, ao vivo, por uma das estações de televisão de Honolulu.

CONFIANÇA, CHAVE PARA UM TESTEMUNHO

Annette Parkinson

Conforme eu crescia na Igreja, costumava ter um pouco de ciúmes dos conversos. Eles pareciam haver ganho seu testemunho tão facilmente! Nasci em Utah, cresci em uma família mórmon ativa, e sempre fui ensinada no Evangelho. Entretanto, apesar de tudo o que eu já ouvira sobre a fé, realmente não sabia



“Fui dominada pelo temor de que seria ludibriada, que poderia ser levada a pensar que possuía um testemunho, ao invés de realmente obter um através do Espírito Santo.”

o que era, ou como poderia aplicá-la em minha vida. Apesar de todas as reuniões de testemunho a que já havia assistido, eu não possuía um testemunho, nem podia saber como obter um. Havia orado. Havia lido as escrituras. Já fizera todas aquelas coisas que normalmente nos aconselham, mas não podia perceber como poderia ganhar esta fé e este testemunho do qual tanto ouvia falar.

Durante vários anos, não me preocupei muito com isso, pois presumia que, quando ficasse mais velha, naturalmente ganharia um testemunho como parte do processo de crescimento. Apesar de ficar cada vez mais velha, o testemunho não vinha. Finalmente, formei-me no colegial e comecei a Universidade de Brigham Young, mas ainda não possuía um testemunho.

Lembro-me de estar sentada nas reuniões de testemunho, onde as pessoas de minha idade se levantavam e prestavam testemunho maravilhoso. Comecei a sentir-me como uma pigméia entre gigantes espirituais. Havia muitos que na realidade sabiam menos que eu sobre fatos do Evangelho, mas seu testemunho era brilhante e reluzente.

O desejo de ganhar um testemunho tornou-se cada vez mais forte, conforme os anos se foram passando. Finalmente, decidi que devia descobrir, de uma vez por todas, se eu acreditava em Deus e na Igreja.

Conforme ponderava a situação, lembrei-me de algumas escrituras que ouvira sobre como obter respostas de Deus. Percebi que todas mencionavam que, a fim de receber qualquer coisa de Deus, uma pessoa precisa primeiro exercitar a fé. Apesar de ter ouvido isto anteriormente, desta vez me atingiu com uma força extraordinária. Foi aí que percebi que não possuía fé, e nem entendia o que era. Podia ver que, a fim de ganhar testemunho de Deus, Jesus Cristo e Joseph Smith, teria que descobrir o que significava a fé.

Busquei definições sobre fé. A melhor que encontrei foi em Hebreus, capítulo 11: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem.” Li e reli esta passagem e meditei nela por um longo período. Ainda estava confusa e frustrada. Isto simplesmente não fazia sentido para mim.

Finalmente, em um lindo dia de primavera, quando andava pelo campus, apreciando a clareza do céu e as delicadas sombras das folhagens verdes ao redor, fui subitamente atingida por uma importante percepção. Já havia até agora lido muitas palavras sobre o assunto da fé, mas nenhuma penetrara em meu coração, ou dera a mim um sentimento sobre como é a fé. Mas nesse instante, uma palavra perfurou a parede exterior de meu coração e penetrou profundamente dentro dele. Senti como se estivesse ganhando

uma pequena visão do que a fé realmente significa, através da palavra *confiança*.

A fim de ganhar fé, eu precisava aprender a confiar no Pai Celestial. Necessitava tentar acreditar que Deus me ama o suficiente para revelar-me a verdade, que ele não permitiria que Satanás ou qualquer outra pessoa me enganasse. Portanto, se o Evangelho fosse verdadeiro, ele me faria saber isso.

Fui dominada pelo temor de que seria ludibriada, que poderia ser levada a pensar que possuía um testemunho, ao invés de realmente obter um através do Espírito Santo. Temi e abominei tal engano mais que qualquer outra coisa. A idéia de exercitar aquela confiança em Deus parecia tão amedrontadora, quanto dar um salto para o espaço exterior e esperar que alguém estivesse lá para me segurar. Podia perceber, contudo, que se eu desejava ganhar um testemunho, teria de fazer algo.

Ganhar a fé, eu descobri, não acontece da noite para o dia. Mas sinceramente tentei demonstrar confiança no Senhor e senti-la. Conforme o tempo passava, algo maravilhoso começou a acontecer dentro de mim. Certo dia, quando estava sentada na cama, um sentimento me veio, que jamais percebera anteriormente; contudo, não era um sentimento totalmente novo. Enquanto estava lá sentada, lembro-me dizendo em minha mente: "O Senhor res-

pondeu às minhas orações! Eu sei que ele vive. Realmente sei que ele vive!"

O sentimento era profundo, penetrante, mas também suave e tranqüilo. Eu sabia que Deus vive! E como estava feliz!

É claro que este não foi o fim de minha busca. Ainda precisava saber se Jesus Cristo era realmente meu Salvador, se Joseph Smith era um profeta, se o presidente da Igreja é um profeta. Ainda tinha muito para aprender, muitas orações para proferir, jejuns a fazer, e muitas escrituras, discursos de conferências, e outros conselhos para ponderar. Sem o saber, as palavras de Alma, capítulo 32, onde ele comparou a fé a uma semente viva, estavam-se cumprindo em minha vida.

Havia plantado a semente no dia em que percebi que necessitava de confiar no Senhor. A semente havia começado a dilatar minha alma e a iluminar meu entendimento. Era amedrontador ter que primeiramente plantá-la. Desde aí, meu entendimento do Evangelho aumentou cem vezes, e recebi um testemunho de muitas coisas. Tenho-me esforçado muitas vezes, e ainda me estou esforçando para me fortalecer e ganhar mais perfeito entendimento de Deus. A estrada não é fácil, mas as bênçãos eternas que obtemos pelo caminho tornam o esforço compensador.

DIÁRIO MÓRMON

Depois de ler seu recente exemplar sobre a obra missionária, senti que devia escrever esta carta. Isto tem estado em meu coração e minha mente há dezoito anos.

No verão de 1953, eu era uma aprendiz de artista, com dezesseis anos de

idade, no Teatro Barter, Abingdon, Virginia. Nossa primeira atriz era uma graciosa moça de cabelos ruivos que havia ganho o papel principal durante uma competição (pelo menos é o que eu tinha ouvido falar) em Nova York. Chamava-se June Moncur, embora este pudesse ser

EXEMPLO MISSIONÁRIO



apenas seu nome profissional. Ela e eu compartilhávamos um conjunto de cômodos, e cada manhã, quando me levantava, via June sentada na cama lendo. Levantava-me vendo aquilo, não importa que horas fossem, por quatro meses.

A notícia de que ela era mórmon rapidamente se espalhou e em um ambiente onde a moral simplesmente não existia, ela era pura como a neve. Não bebia, não fumava, nem mesmo durante as peças teatrais, e não havia homens em seu quarto. Amava a todos, e era tão gentil e amigável, apesar de ser a 'estrela'. E sempre pela manhã estava lendo, não os seus roteiros, mas outros livros e revistas que havia trazido.

Nunca falou comigo sobre sua religião, e eu nunca lhe perguntei. Mas jamais a esqueci.

Anos depois, após ter-me casado e tido dois filhos, meu marido e eu nos sentíamos insatisfeitos com nossa vida espiritual.

Fizemos cursos de religião e íamos a todos os tipos de igrejas, mas não estávamos satisfeitos.

Lembrei-me então de June. Ela era, disseram, mórmon. Não tínhamos idéia do que era um mórmon, e nem me lembro de terem falado sobre eles nas aulas de história na escola. Assim, fui à biblioteca pública na pequena cidade de Opelika, Alabama, e retirei a única coisa que pude encontrar: *Mórmon, o Livro de*. Nas costas, estava uma lista de casas da missão e escrevi para a mais próxima, que era na Georgia, perguntando se eles acei-

tavam conversos. O resto é parte da história de nossa família.

Nunca fui capaz de encontrar aquela jovem e contar-lhe que, por viver sua religião de uma forma que não pude mais esquecer, trinta e sete pessoas dos dois lados de nossa família são agora membros da Igreja. Outros incontáveis no mundo espiritual também receberam essa oportunidade.

Nunca sabemos, simplesmente nunca sabemos quem nos está observando, e o que estão aprendendo de nós.

Ann Fowler Lehne — Foss, Oklahoma

Nota do editor: Não é nossa norma encontrar "pessoas perdidas", mas a carta de Irmã Lehne nos motivou neste caso a procurar a Irmã Moncur, que descobrimos ser a Irmã June Moncur Waite, vivendo com sua família em Hacienda Heights, Califórnia, onde recentemente serviu como presidente da Sociedade de Socorro da Estaca California El Monte. "Não trabalhei mais como atriz profissional desde minha experiência em Nova York e trabalhos subsequentes de pós-graduação na Universidade do Sul da Califórnia," disse Irmã Waite. "Mas frequentemente dirigi peças e espetáculos na ala. Ao envolver-me em teatro profissional, percebi que a maior parte representava um estilo de vida incompatível com a maneira que eu queria viver. Não oferecia também a realização que eu esperava dele. Mas saber que durante minha breve carreira criei uma impressão para o bem, é emocionante ouvir. É engraçado, mas nas vezes em que fiz um esforço consciente na obra missionária, não fui bem sucedida."

ELIZABETH FRANCIS YATES: PROVAÇÃO PELOS DESGOSTOS



“Posso dizer que vi a mão do Senhor sobre seu povo, na terra bem como no mar”, escreveu Elizabeth Francis Yates, em 12 de março de 1905. “Já vi tempos quando se requeria fé para acreditar que nossos inimigos não triunfariam sobre nós... e posso dizer, como já foi dito antigamente, “que eu era jovem, e agora sou velha, mas nunca vi os justos abandonados.”

Ela estava com setenta e dois anos, somente cinco anos antes de sua própria morte na Cidade do Lago Salgado, mas a suave simplicidade de sua paciência e fé não eram aquisições de sua idade avançada. Era um testemunho de que havia sido provado por desgostos, refinado pelo sofrimento, e novamente provado.

Criada em um bem educado lar da Igreja Episcopal em South Molton, De-

vonshire (Inglaterra); ela estava confusa, quando adolescente, pelo contraste dos ensinamentos da Bíblia sobre o batismo em relação àqueles de sua fé, e “não podia apreciar a freqüência à Igreja após aquela época.” Casou-se com William Williams, quando estava com quinze anos de idade, e após o nascimento de sua primeira filha, começou a ouvir sobre os Mórmons.

A princípio, Elizabeth não estava interessada. Apesar de não se mostrar satisfeita com sua velha Igreja, “pelo menos era respeitável.” Contudo, ela era demasiado educada para recusar um folheto, quando lhe foi oferecido e, durante uma tarde chuvosa, começou a lê-lo. Logo estava absorta no relato de um debate entre o Élder John Taylor e alguns ministros franceses.

“Quando acabei de lê-lo, disse em voz alta ‘louvado seja o Senhor. Encontrei finalmente o caminho correto.’ Ela assistiu a uma reunião onde a missão de Joseph Smith foi explicada. “Dizer que eu estava emocionada com alegria, mal expressa meus sentimentos naquela ocasião. Não podia perceber nenhum outro caminho a não ser arrepende-me de meus pecados e ser batizada. Sabia que meu povo se oporia amargamente quando soubesse disso, e também que meus antigos amigos iriam tratar-me friamente, mas foi pior do que eu jamais esperava.”

Essa sentença: “Foi pior do que eu esperava,” demonstra um desgosto profundo. O que ela queria dizer é que sua mãe a proibiu de entrar novamente em seu lar de infância. Seu marido lhe disse que ela deveria escolher entre sua família e sua fé; chorando de angústia, recusou-se a negar seu testemunho, e ele abandonou-a, bem como a suas quatro meninas pequenas. Elizabeth encontrou emprego em uma tecelagem, trabalhando com o bebê em um cesto próximo ao tear, e procurando sustentar todos eles. Vendo que ela não se abatia, William retornou e levou as quatro crianças para Londres. De acordo com a lei, não havia nada que Elizabeth pudesse fazer para impedi-lo ou tê-las de volta.

Mas não vacilou. O último momento de hesitação ocorreu no instante preciso de seu batismo, quando olhou a água escura do rio, à meia-noite, dia 4 de dezembro de 1851, e “senti-me como se não pudesse lá entrar, mas uma voz parecia dizer, ‘Não há outro caminho.’” Com fé, ela deu esse passo. “Depois daquilo, as coisas pareciam haver mudado. As escamas caíram de meus olhos, e sentindo a grandiosidade do plano do Evangelho, fiz um convênio com Meu Pai Celestial de que não importa quão escuras sejam as nuvens, se amigos viessem a ser inimigos, mas que, com sua ajuda, eu o serviria. E tenho tentado, em minha maneira vacilante, fazê-lo. Tenho cometido erros frequentemente, bem como feito e dito coi-

sas das quais sinto pesar, mas nunca duvidei da veracidade deste evangelho ou coloquei pedras de tropeço no caminho dos outros.”

Elizabeth passou os próximos seis anos em Bath, vivendo com a família de um missionário, Thomas Yates, e gastando seus poucos recursos em uma busca infrutífera de suas filhas. “Após anos de jejuns e orações, e muitas lágrimas, o Senhor abriu o caminho para que eu viesse a Sião,” junto com a família Yates e seu filho Thomas, recém-chegado de sua missão de seis anos e meio.

Não sabemos o que lhe custou sair da Inglaterra. Ela diz apenas: “Orei fervorosamente para que Deus me ajudasse na longa e cansativa jornada que estava diante de mim, para que eu não reclamasse ou lamentasse se um leão estivesse em meu caminho, e ele respondeu às minhas orações, pois não encontrei nada do que reclamar. Minha alma estava cheia de gratidão durante toda a viagem.”

Seu filho conta-nos o que ela, na paciência de sua fé, omitiu. Quase morreu de enjôo, que perdurou toda a viagem. Ela e Thomas casaram-se na manhã de 22 de julho de 1863, em Florence, Nebraska, e iniciaram a jornada para o oeste naquela tarde. Quando Elizabeth descobriu que não havia lugar para ela e seu baú no carroção, pensou em sua porcelana cuidadosamente embrulhada, os objetos adoráveis que possuía, e caminhou cada passo do caminho, com a “alma cheia de gratidão.”

“Muitos derramaram lágrimas de alegria,” diz,, “à primeira visão da cidade dos Santos.” Ela não diz se estava entre eles, mas deve ter estado.

Essa mesma paciência e gratidão aprofundou o amor em seu casamento. Uma filha, Louise, que mais tarde se tornou a sétima Presidente Geral da Sociedade de Socorro, diz que a única vez que viu Elizabeth chorar, foi quando um gato derubou as prateleiras da cabana e quebrou

aquela porcelana preciosa. Thomas encomendou o primeiro jogo de 'Haviland' que a ZCMI* enviou para o território, a fim de substituí-lo — uma atitude de verdadeiro amor, pois eles estavam lutando para viver em Scipio, Utah, onde ele servia como bispo, e ela como presidente da Sociedade de Socorro.

Um dos momentos mais tocantes de seu casamento é uma carta que o marido lhe escreveu, quando ele trabalhava na estrada de ferro em "Echo Canyon", a fim de pagar seu empréstimo com o Fundo Perpétuo de Emigração. Não sabemos quais temores ela havia compartilhado em uma carta para ele, mas temos sua confirmação carinhosa.

"Outra coisa, querida, da qual sinto pesar, é que você pense que estou aqui devido a algo que você disse no passado, como que reclamando por não possuir todas as coisas que desejasse. Creia, minha querida, que de maneira alguma isso é verdade. Não me lembro de que, em qualquer momento, você tenha dito qualquer coisa que pudesse ser mal interpretada como uma reclamação... Minha querida, eu amo esse meu humilde lar e você, minha querida esposa, e nossos adoráveis filhos. Amo sua companhia mais que qualquer coisa na terra, e nunca espero encontrar tanta satisfação e alegria neste mundo, quanto a que obtenho em sua presença."

O amor que eles tinham um pelo outro e suas cinco crianças não podia, contudo,

curar a dor em seu coração. Seu único filho, Thomas, lembra-se de ouvi-la soluçando à noite e, quando lhe perguntou por que, ela simplesmente disse: "Estava pensando em algumas garotinhas que deixei na Inglaterra muitos anos atrás."

Mas suas filhas não a haviam esquecido também. Susan, com somente sete anos de idade na época da separação, fugiu quando tinha onze anos e buscou refúgio com uma família mórmon, esperando encontrar um indício de sua mãe mórmon. O bebê já havia morrido; outra filha morreria alguns anos depois. Mas, por volta de 1870, um missionário encontrou-se com Susie Williams e lhe mencionou a família Yates em Scípio. Apesar de uma pista tão fraca, mãe e filha foram novamente reunidas em Utah.

Susan não parou de procurar sua irmã. William, com a determinação de que sua última filha não visse sua mãe, levou-a embora da Inglaterra — ironicamente para os Estados Unidos da América, onde Susan a encontrou em Michigan, através de um anúncio no jornal. Ela se uniu a eles em Utah; todas as quatro filhas foram seladas a Thomas e Elizabeth. "Nunca vi os justos abandonados." Elizabeth parece repetir.

* ZCMI — Zion's Cooperative and Mercantile Institution — A primeira loja de departamentos existente no Estado de Utah, fundada por Brigham Young, em 1869. Veja mais detalhes em *A Igreja Restaurada*, por William E. Berrett, edição de 1978.

Dizer que eu estava emocionada,
mal expressa meus sentimentos naquela ocasião.
Não podia perceber outro caminho
a não ser arrepende-me de meus pecados
e ser batizada.

«Casa do Senhor — Santidade ao Senhor»

O Senhor disse: “Na verdade vos digo que é do meu desejo que a mim seja construída uma casa na terra de Sião, de conformidade com o modelo que vos dei”. D&C 97:10 O Presidente Spencer W. Kimball, em março de 1975, determinou que essa escritura fosse cumprida também entre nós, e que um templo fosse construído para o benefício e aperfeiçoamento dos santos deste continente sul-americano.

Cada membro, desde o mais humilde ao mais abastado, contribuiu para que pudessemos ver, de uma forma concreta, um templo erigido em nome do Senhor e hoje o Templo de São Paulo é uma realidade.

Na sua fachada há um importante lembrete: “Casa do Senhor, Santidade ao Se-

nhor” lembrete este que devemos ter sempre em mente quando adentramos esta casa, e nos despimos das vaidades do mundo, deixamos a poeira dos sapatos na soleira da porta, e entramos, puros de coração, com um sentimento e um desejo de procurar luz e conhecimento que nos levarão de volta à presença de Nosso Pai Celestial.

Parem, por um momento e, pensem: “estou entrando na Casa do Senhor!” Na verdade, não é esse passo o mais grandioso de todos? Não é isto que procuramos durante toda a nossa vida? Não será esse o propósito da vida? Podemos imaginar-nos entrando ali indignamente? Como nos sentiríamos? Será que haveria lugar para nós ali? Será que a sujeira não estaria evidente aos olhos dos demais? Será que nos



poderíamos sentir à vontade? Será que teríamos condições de ali permanecer?

O Senhor disse: "Mas se ela for violada, eu não entrarei nela, e a minha glória aí não estará; pois eu não entrarei em templos impuros." D&C 97:17 Se buscamos as coisas do Senhor, é nosso dever estarmos preparados. Se desejamos as suas bênçãos, devemos fazer a nossa parte. Ele já nos advertiu, dizendo: "Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que Eu digo, mas quando não o fazeis não tendes promessa nenhuma. D&C 82:10..

Certamente aqueles que pecam, mas se arrependem e confessam os seus pecados, o Senhor lhes promete: "Eis que o que se tem arrependido de seus pecados o mesmo é perdoado, e Eu, o Senhor, deles não mais me lembro. Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará". D&C 58:42, 43.

A maior bênção que podemos desejar é estarmos juntos com nossos familiares por toda a eternidade e na presença do Senhor. Esta bênção está ao nosso alcance no Templo.

Elias, o profeta, restaurou esse poder selador e tornou realidade a promessa contida no livro de Malaquias de "converter o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais". Mateus: 4:6.

Com a autoridade do Santo Sacerdócio e por delegação do Presidente da Igreja, irmãos dignos são designados para servir como elo de ligação entre as coisas da terra e as do céu.

Como é bom saber que nada aqui termina, mas existe a esperança de vida eterna!

Acaso não foi essa a missão do Salvador? Não era essa a sua meta, — proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem?

Pois bem, a imortalidade nos foi oferecida através do sacrifício expiatório, porém a vida eterna está ao nosso alcance, dependendo de nós mesmos. E a vida eterna só podemos conseguir ao adentrar-

mos a Casa do Senhor e nela realizarmos convênios e, por meio deles recebermos as promessas de habitar na presença de Deus.

E os nossos antepassados? O que será daqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer o evangelho?

O apóstolo Paulo, em sua carta aos Coríntios dizia: "De outra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?" 1 Cor. 15:29 Pois bem, esta ordenança já era realizada pelos antigos povos de Israel, segundo Paulo, permitindo que aqueles que não tiveram o conhecimento do evangelho em vida, pudessem ter essa oportunidade após a morte.

Pelo poder selador de Elias, restaurado nesta dispensação, esta ordenança também foi restabelecida, e assim os nossos mortos, através do trabalho vicário feito nos templos, terão a mesma oportunidade que nós temos em vida. Assim os elos dessa cadeia estão restabelecidos e os puros de coração, juntos, como família eterna, poderão ver a Deus.

O templo é uma bênção para todos nós. Devemos ir até lá freqüentemente, a fim de ganhar o conhecimento, que, se nos provarmos praticantes e não apenas ouvintes, nos conduzirá de volta à presença de Nosso Pai Celestial.

A presidência do templo, a superintendente do templo, auxiliados por uma plêiade de dedicados e bondosos irmãos e irmãs, lá estarão à sua espera, com o único propósito de prestar serviço e fazer de suas visitas ao templo, uma experiência enaltecida e memorável.

Que o Senhor nos abençoe para que possamos, juntos, alcançar esse propósito.

A Presidência do Templo de São Paulo

Finn B. Paulsen

José B. Puerta

Angel M. Fernandez



Templo de São Paulo, um Missionário

A visitação pública ao Templo de São Paulo, foi complementada por uma exposição na capela ao lado. Treze painéis em transparência, montados no salão cultural explicavam a organização e doutrina da Igreja. Essa exposição foi apresentada por missionários proselitistas das Missões São Paulo Norte e Sul, que encerravam as palestras com um filme sobre a razão dos Templos, e a "Primeira Visão".

Mais de (30) trinta mil pessoas, convidadas por membros da Igreja, ou informadas por veículos de comunicação, visitaram a "Casa do Senhor" durante todo o mês de setembro. Pessoas de raça, seita e culturas distintas tiveram a oportunidade de contemplar a obra magnífica. Mui-

tas delas foram tocadas pelo Espírito do Senhor durante a passagem, algumas saíam com lágrimas nos olhos e antes mesmo do final do mês em que a casa esteve aberta a todos, várias conversões foram feitas.

No final da palestra os missionários mostravam uma réplica das placas de ouro, exposta em vitrina, das quais o Livro de Mórmon foi traduzido.

Ao saírem os convidados, que estavam divididos em grupos de 10 pessoas, preencheram fichas para novos contatos, com seu nome, endereço e opiniões, estas quase sempre favoráveis e o reconhecimento de que este Templo é um local onde habita o Senhor.

O Maior e Mais Comentado Evento da Igreja no Brasil

Até o final da visitação pública ao recém construído Templo de São Paulo, não se poderia imaginar o interesse e afluxo de pessoas que por ali passaram. Registradas com assinaturas nos livros colocados à entrada do Templo estão 32.387 pessoas. Estes números porém não representam o verdadeiro total, pois observamos que muitos dos visitantes não assinaram por razões diversas. Calculamos pois que cerca de 70 mil pessoas circula-

ram pelo Templo de uma forma ordeira, respeitosa e mesma reverente, como lhes foi pedido na gravação ouvida na capela ao lado.

Neste movimento que marcou brilhantemente este evento tão especial para nós membros da Igreja no Brasil, a grande maioria eram pessoas das mais diversas crenças ou religiões que atenderam aos convites, formulados através de todos os meios disponíveis.

Queremos registrar o esforço especial de todos os missionários tanto os de tempo integral, como os de estaca, e também os ex-missionários que vieram de suas cidades participar deste tão honroso trabalho. Necessário é também realçar os esforços desenvolvidos pelos diversos comitês organizados para estes eventos.

Um acontecimento ímpar na história religiosa do Brasil. Desde seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral nada ocorreu de importância maior que a inauguração do primeiro templo na América do Sul. Estas fotos revelam o grande interesse das mulheres, principalmente, que vieram conhecer o templo.



Nossos líderes não se esqueceram de nenhum ponto; tudo foi planejado e executado a tempo.

O Senhor nos proporcionou uma grande oportunidade de tornarmos seu evangelho mais conhecido por maior número de pessoas.

Páginas inteiras de Jornais como a Folha de São Paulo com 300 000 exemplares de tiragem, meias páginas em tantos outros veículos. Calculamos que o total de tiragens com a notícia tenha alcançado 2 000 000 de exemplares. Redes de Televisão como a Globo, Tupi, Bandeirantes mostraram filmes em cores fornecidos pela própria Igreja. Fotos e materiais especialmente preparados, e muito bem

recebidos por nossa imprensa foram providenciados.

Nossos membros mobilizaram-se com muito empenho para que seus convidados pudessem ver o Templo e receber a oportunidade de assistir a exposição tão especial que estava montada no salão cultural.

De muitas cidades vieram caravanas de ônibus com nossos irmãos e seus convidados. Torna-se realmente difícil expressar as emoções que nós, da Liahona, sentimos e transportá-las para palavras. As fotos aqui registradas também são pobres para dizer o que cada pessoa, cada filho de Nosso Pai Celestial, mesmo aqueles que ainda não acordaram para sua verdadeira Igreja, puderam sentir dentro da Casa do Senhor.

Na foto, algumas pessoas na expectativa de entrarem no templo. A tranqüilidade que elas demonstram concorda com a natureza das bênçãos de exaltação e progresso eterno proporcionadas aos filhos do Pai Celestial que são fiéis.



A Casa do Senhor Está Pronta

Tão logo se concluiu a construção e decoração do Templo de São Paulo teve início a primeira limpeza para que o edifício fosse aberto à visitação pública. Esse trabalho foi realizado nos períodos de 22 a 28 de agosto, sob a supervisão geral do irmão Mc Khie e do comitê de limpeza local do templo, composto pelas irmãs: Flvia Garcia Erbolato, Norma Jensen e Fausta Ikemoto.

Cada estaca recebeu solicitação de 70 mulheres para um dia da semana previamente designada; entretanto mais de 100 mulheres responderam à solicitação; no último dia do 1.º período programado para limpeza estiveram presentes 190 pessoas para completarem a faxina tanto interna como externa da Casa do Senhor.

Vista da fachada do templo. Convidados e populares aguardam calmamente e com bastante respeito e reverência a sua vez de conhecerem o Templo de São Paulo, cuja construção foi anunciada pelo Pres. Kimball, na Conferência de Área realizada em fevereiro e março de 1975 no Parque Anhembi.

Entre elas 30 portadores do sacerdócio estiveram presentes para auxiliar em serviços mais pesados.

As trabalhadoras que se apresentaram voluntariamente foram senhoras e moças da Sociedade de Socorro das Estacas de São Paulo, orientadas por suas presidentes.

Senhoras residentes em Santos, Campinas, Belo Horizonte, (Minas Gerais) Vitória (Espírito Santo) e em outros estados distantes que não queriam perder o privilégio e bênção de participar dessa sagrada tarefa, deixaram seus lares e viajaram quilômetros para chegarem ao local e unirem-se às irmãs de São Paulo durante o segundo e terceiro períodos da limpeza, após a visitação pública e dedicação ao templo.

Um total de 800 mulheres e 50 homens colaboraram para que o templo ficasse pronto a tempo para a dedicação e imediato funcionamento.



«Não Muito Longe Daqui»

No princípio havia só trevas, era tudo vazio e triste.

Depois disse Deus: façamos a luz! e surgiu a luz com toda sua beleza e verdade.

E quando tudo estava preparado, fez Deus (nosso Pai), o homem à sua imagem e semelhança e muito amor tinha por ele, sua maior obra.

E fez Deus a mulher para que esta obra se completasse. E tiveram eles filhas e muitos filhos. Nasceram então os meus pais, e não faz muito tempo eu nasci! Muitos, muitos deles eu não conheci, nem mesmo meu avô, dizem ter sido fabuloso.

Certo dia, conheci o Evangelho e aprendi do Senhor, que todos eles estão em um

lugar não muito longe daqui, um lugar onde eu também estarei um dia.

E oh! como eu gostaria de viver com eles na eternidade, nós todos juntos, eu conheceria meu avô, e como diz o Poeta:

Nós viveríamos até que as estrelas envelhecessem e o Sol se congelasse.

Mas como farei isto, Senhor?

E ele mostrou-me o caminho, ele me deu este privilégio.

— Faze tua genealogia, disse ele e poderás conhecer muitos amigos com os quais nunca deparaste antes.

E através de longa procura e estudo, muito aprendi, muitos amigos conheci, e muitos daqueles que estão em um lugar não muito longe daqui, ouviram o Evangelho, o mesmo que me foi ensinado naquele dia gracioso.

E foram batizados no templo — A Casa do Senhor, — através de servos gentis e amorosos.

Desde os primeiros dias de setembro de 1978, milhares de pessoas de várias camadas sociais e crenças religiosas acorreram à Av. Professor Francisco Morato, 2.390. Elas foram trazidas "pela mão do Profeta Elias", que implantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos voltarão aos pais.



Eu sei que eles estão felizes, eu sinto isto. E quando entro no templo do Senhor, eu sinto como se todos estivessem ali, olhando e sorrindo para mim, apenas me esperando para o grande abraço de agradecimento.

Então as lágrimas brincam de rolar em meu rosto e eu digo:

Obrigada por tu me amares tanto e teres me dado a oportunidade de fazer muitos viverem para a eternidade.”

Até que as estrelas envelheçam e o Sol se congele”.

Cristina França

Impressões de uma Visita ao Templo

Este é um relato de impressões da visita de um não-membro S.U.D. ao Templo de São Paulo, na primeira semana de abertura à visitação pública.

“Acompanhei o andamento das obras, assim como tomei conhecimento dos mais variados detalhes do Templo de São Paulo, através de textos e fotos de A Liahona, de cuja confecção participo mensalmente, executando o trabalho gráfico de pré-impressão, como fornecedor qualificado do Departamento de Tradução e Distribuição.

“O que já se me afigurava uma grandiosa obra, superou minha expectativa quando me deparei frente à “Casa do Senhor”. Seu pináculo apontando os céus encimava o objetivo do homem: um lugar sagrado para isolar-se do mundo terreno e sentir-se próximo de seu Criador.

“Esse homem, para mim aqui representado pelos santos dos últimos dias, com os quais tenho tratado quase diariamente de assuntos profissionais, tem-me inspirado respeito e admiração por seu esforço em dar de si o melhor para o Senhor.

“Recebido à porta da capela ao lado do Templo, fui apresentado juntamente com

outros visitantes membros e não membros S.U.D., ao élder Mariani que fazia as vezes de nosso “Cicerone”.

“Antes de sermos introduzidos ao Templo, recebemos à porta as sapatilhas de lona. Sua finalidade era a de proteger contra quaisquer danos provocados por nossos sapatos aos carpetes, suavemente azuis como o céu daquela tarde e que cobrem totalmente os corredores e salas do edifício.

“Com respeitoso silêncio geral, o qual se não nos houvesse sido recomendado assim mesmo certamente observaríamos, fomos percorrendo maravilhados as salas de selamento matrimonial e seus anexos (vestiários e aposentos infanto-juvenis). Cada uma das salas de selamento, com seu colorido singelo de rosa uma, outra verde, azul outra mais, nos tocava profunda e religiosamente.

“A pia batismal sustentada por doze bois brancos — “destina-se ao batismo pelos mortos” explicou-nos mais tarde élder Mariani — impressiona por sua alvura, sugerindo ser o batismo o banho da alma.

“Sala Celestial! Luxuosa sem ser imponente. Obra do homem sim, mas para que os santos dos últimos dias se sintam transportados à presença do Criador. Sua beleza transcendental emana de sua destinação.”

Finda a visita ao Templo, élder Mariani explanou sobre os primórdios da história dos Mórmons e deu seu testemunho de fé com eloquência, fazendo-nos lembrar da Epístola de São Paulo aos Romanos (11:33-36): — Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!

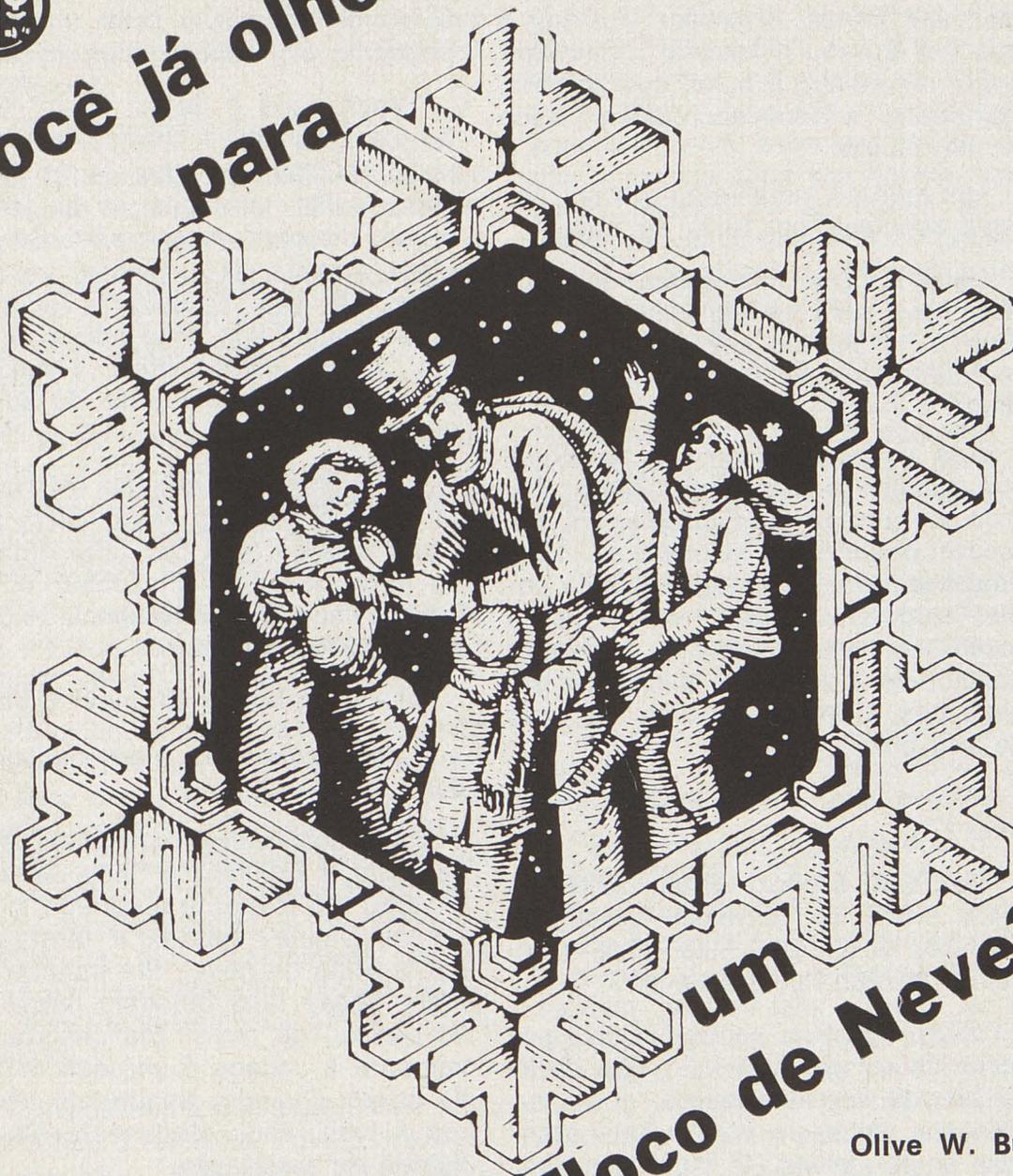
Por que quem compreendeu o intento do Senhor? ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado?

Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém.

Geraldo Stevanato
Gráfico e Jornalista



Você já olhou
para



um
Floco de Neve?

Olive W. Burt

“Nevou! Nevou!”

A gritaria feliz ecoou pelo Velho Forte na Cidade do Grande Lago Salgado, conforme as crianças se agasalhavam contra o frio do inverno e saíam saltitantes das cabanas para olhar maravilhadas o lindo vale. Havia sido bem bonito naquele outono de 1850, com os choupos nos desfiladeiros, todos como um fulgor de

luz dourada, mas hoje era um país de fadas com esse branco cintilante, rodeado de montanhas púrpura e coberto com um céu bem azul.

A alegria começou ali na praça aberta, ao redor da qual se agrupavam as cabanas de madeira ou adobe (tijolo cru). Alguém gritou: “Vamos brincar de raposa e gansos!” e começou a marcar com os pés o cercado para os gansos.

Um menino correu para ficar entre as duas linhas, gritando: "Eu sou a raposa! Eu sou a raposa!". O alegre jogo iniciou-se. E puxa, que gritaria, barulheira e risos enchiam o fresco ar da manhã!

Um menino mais velho gritou: "Vamos construir um forte de neve!"

Seus amigos começaram a empilhar neve para as paredes do forte. Outros, decidindo ser os atacantes, moldaram a neve como bolas de canhão.

Eles estavam alegres e barulhentos, quando o professor Cheney entrou no velho forte. Ele parou um momento, observando as crianças. Uma pequena menina passou correndo por ele, tropeçou e caiu, enterrando o rosto na neve macia. O professor abaixou-se e levantou a criança em seus pés, tirando os flocos de neve de seu boné.

"Agora sim! Você está-se divertindo?"

"Ah, sim, senhor! É tão bonito!"

Os olhos do professor piscaram. "Bonito, você diz. Mas você realmente já olhou para a neve?"

"Claro que sim, senhor! Como poderia deixar de fazê-lo?" Ela abriu os braços completamente, como se quisesse reunir-se com a fofa brancura ao seu redor. O Professor Cheney pegou um desses braços. A manga do casaco estava coberta de neve, mas em alguns lugares um único floco estava separado do resto. Conforme ele apontava a um desses flocos, dizia: "Você realmente já olhou para um destes?"

"Sim, senhor! Estou olhando para ele."

"E o que vê?"

"Um floco de neve! Somente um floco de neve!"

O professor Cheney pôs a mão no bolso do casaco e tirou um objeto pequeno, brilhante e o segurou.

"Você sabe o que é isto?" Quando ela balançou a cabeça, ele continuou: "Chama-se uma lente de aumento. Faz com que as coisas pareçam maiores do que são. Se você olhar através dela, poderá ver muitas coisas que não poderia ver a olho nu — coisas que você nunca viu antes. Agora, vamos olhar o floco de neve através desta lente de aumento."

Ele segurou o pequeno instrumento sobre o floco de neve. Mary abaixou a cabeça para dar uma olhadela no floco de neve. Ela observou por um momento, então levantou os olhos para seu companheiro.

"Puxa, professor Cheney! É lindo."

"Olhe novamente, com muito cuidado."

Mary abaixou-se para mais perto da lente e estudou o floco de neve. Quando ela levantou a cabeça, o professor Cheney mudou a lente para outro floco de neve. Ele indicou que Mary desse uma olhadela nesse novo pedaço de neve. Ela abaixou novamente a cabeça e estudou o floco de neve. Quando, finalmente, levantou a face, seus olhos estavam brilhando de satisfação.

"Este é diferente! Não se parece com o anterior."

Outras crianças, vendo Mary conversando com o professor, começaram a se aproximar de esguelha, curiosas de saber o que estava acontecendo. O professor sorriu-lhes, trazendo todas ao seu círculo.

"Eu estava perguntando à Mary se ela já havia olhado para a neve. Que tal vocês? Já olharam realmente para a neve?"

"Sim, senhor! Claro que olhamos!" gritaram as crianças, sorrindo. Que tipo de piada é essa do professor? pensaram.

"O que você acha, Mary?"

Mary apontou os dois flocos de neve em sua manga. "Eles são parecidos?" perguntou ela.

Os recém-chegados olharam os flocos de neve. Um disse: "Sim! Ambos são simplesmente neve, e isso é tudo."

O velho senhor tirou o chapéu de lã da cabeça de um dos garotos. Presos nas fibras da lã estavam muitos flocos separados de neve. Ele deu a lente para o garoto.

"Olhe aqueles flocos. Veja se pode encontrar dois que sejam exatamente iguais!" insistiu.

As crianças mais velhas se amontoaram mais perto, curvando a cabeça para dar uma olhadela através da lente diminuta. O pequeno instrumento estava vagorosamente movendo-se sobre o boné, parando em cada floco separado de neve, de modo que todos os que desejassem, pudessem dar uma espiada. Nesse instante, eles levantaram os olhos maravilhados.

"Parece que todos aqueles em meu boné são diferentes," disse o primeiro menino. "Mas estes são poucos. Se pudéssemos ver mais —"

"Você nunca poderia encontrar dois iguais," respondeu o professor rapidamente. Então, como ele visse dúvida nos jovens rostos, continuou. "Como sabem, vocês não são diferentes das outras pessoas. Por centenas de anos, a neve caiu em cada inverno. As pessoas simplesmente acharam que isso era uma coisa natural. Mas ninguém realmente olhou para os flocos de neve ou mesmo pensou muito sobre eles.

"Então, há mais ou menos 400 anos atrás, um homem na Suécia, Claus Magnus, olhou para um único floco de neve preso na manga de seu casaco. Bem, Claus Magnus viu como aquele floco de neve era bonito. Ele não podia ver toda sua beleza, como vocês fizeram — as lentes de aumento não haviam sido inventadas — mas Claus olhou cuidadosamente e viu muitas coisas com as quais não havia sonhado. Ele podia ver que cada floco de neve era formado de cristais e que cada cristal tinha uma forma perfeita e estava disposto em um desenho agradável. Ele contou a seus amigos o que vira, mas ninguém lhe deu muita atenção."

"O Sr. Magnus era um descobridor, da mesma forma que Cristóvão Colombo!" disse pensativamente um dos garotos.

"Só que o 'Novo Mundo' que ele descobriu era bem pequenino!" disse Mary.

"Está correto!" Concordou o professor Cheney. "E da mesma forma que o descobridor do Novo Mundo, Claus Magnus foi seguido por outros que iriam explorar e descrever o que haviam encontrado. Cento e cinquenta anos depois que Claus Magnus estudou o floco de neve, um cientista e astrônomo alemão chamado Johannes Kepler, saiu de casa certa manhã. Não era um dia claro, com o sol brilhando como hoje. O céu estava nublado e nevava. Alguns flocos caíram nos punhos de pele de seu sobretudo.

"Quando estudou esses flocos de neve, percebeu que cada um deles era formado de pequenos cristais, e cada cristal tinha seis lados. Cada floco de neve também possuía seis lados. Então "Herr" Kepler descobriu que não há dois flocos de neve iguais. Ele passou anos tentando encontrar dois que fossem exatamente

te os mesmos, mas nunca obtive sucesso.”

O professor parou, estudando as faces interessadas ao seu redor.

“E o que aconteceu então?” perguntou Mary. “Anos depois, um francês chamado René Descartes realizou as mesmas descobertas que Magnus e Kepler. Descartes escreveu um artigo sobre o que havia aprendido, e o artigo foi publicado. Qualquer pessoa que soubesse ler poderia aprender sobre flocos de neve. Mas não havia muitas pessoas animadas pela beleza da neve, de modo que deram pouca atenção ao trabalho de Descartes também.”

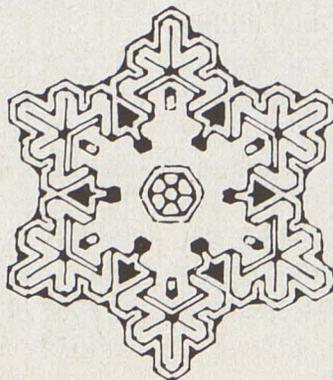
“Tudo isso aconteceu antes que um microscópio prático fosse inventado. O microscópio é como uma lente de aumento, mas muito, muito mais forte,” explicou. “Então, depois que o microscópio foi inventado, pouco mais que 250 anos atrás, as pessoas começaram a descobrir desde aí mundos em miniatura escondidos, através da observação das coisas por meio daquele instrumento. Era emo-

cionante ver tantas coisas que eles nunca foram capazes de vislumbrar antes. Várias pessoas olharam para os flocos de neve através de microscópios, e descobriram muitas coisas fascinantes. Eles as estudaram, escreveram sobre elas, e as discutiram.”

O professor parou uns instantes, e Mary, timidamente, perguntou: “Professor Cheney, o senhor tem um microscópio?” Ele bateu gentilmente em sua cabeça. “Sim, tenho, Mary. Você gostaria de olhar nele?”

“Puxa, eu poderia, senhor?” O professor sorriu para as outras crianças. “Quantos de vocês gostariam de ver um floco de neve?” Todos ficaram animados com a perspectiva de uma nova aventura. O professor prometeu que traria seu microscópio após o almoço.

E foi assim que um grupo de crianças pioneiras, durante um nevoso dia de janeiro de 1850, aprendeu a olhar para as coisas mais próxima e cuidadosamente — em especial a neve!



O Menino do Interior

Margery S. Cannon e Laurence C. Wilkinson

O inverno chegara, e grandes quantidades de neve cobriam as colinas e contornavam as silhuetas das árvores. Era o tipo de tempo que qualquer pessoa desejaria dois dias antes do Natal, em Sharon, Vermont.

Por volta da meia-noite, as poucas casas de fazenda espalhadas entre as colinas estava às escuras — exceto a casa dos Smith, onde uma lamparina ainda estava acesa. Apesar de ser época do Natal, uma luz acesa àquela hora da noite era incomum. Mas algo maravilhoso aconteceu naquele vinte e três de dezembro de 1805. Um bebê havia nascido.

No dia seguinte, um vizinho veio visitar os Smith. Alvin e Hyrum, os filhos mais velhos, viram sua chegada. Correram ao seu encontro, gritando as novas: “Temos um novo bebê!”

“É um menino! É um menino!”

Conforme abriam caminho no meio dos montes de neve que rodeavam a pequena casa de madeira, todos tinham que rir. A pequena irmã Sophronia estava observando da janela, com o nariz achatado pelo vidro. O Pai Smith abriu a porta para deixá-los entrar e levou seu vizinho para ver o bebê, que dormia pacificamente nos braços da mãe. “Bem, o que você acha,” exclamou ele, removendo o chapéu, “mais um menino!”

“Sim,” disse Lucy. “Ele receberá o nome de seu pai. Vamos chamá-lo de Joseph.”

Não havia telefone na época, somente os vizinhos para levar adiante



as novidades. Portanto, assim que saiu, o vizinho deve ter levado a notícia aos homens e garotos agrupados em redor do fogão no armazém da vila. “Outro menino para os Smith”, anunciou. “Eles podem sempre usar outra mão na fazenda” declarou um dos homens que aquecia as mãos.

Contudo, quando Lucy passou as mãos pelos suaves cabelos do bebê, imaginou-o não como um fazendeiro, mas como um líder e um homem poderoso. Ela então sorriu de seus sonhos. Ele se parecia com qualquer outro bebê nascido de fazendeiros no interior de Vermont. Não havia razões para pensar que seria conhecido fora da vizinhança.

Mesmo em seus sonhos mais mirabolantes, Lucy não teria imaginado que este pequeno novo Joseph depariaria com ódio e, contudo, inspiraria



tamanha admiração, que milhões o seguiriam. E dele seria dito: "Em tudo o que ele fez, era humano e quase divino." Sim, um bebê havia nascido, e "o Senhor tinha seus olhos sobre ele."

O bebê cresceu e estava forte e saudável. Mas quando fez seis anos, a criança Smith ficou doente com febre tifóide. Então uma inflamação na perna de Joseph causou tamanha dor, que ele dificilmente poderia suportá-la. Certo dia, pensou que fosse o Dr. Stone, seu médico, que estava à porta, até que ouviu Rebecca Perkins falar a sua mãe.

"Trouxe algum pão de mel, Lucy — acabou de sair do forno."

"Muito obrigada, Rebecca."

"Ajudará um pouco, eu acho."

Joseph sabia que iria ajudar. Sua mãe estava exausta por ter que cui-

dar dele e de seus irmãos e irmã, a qual dormia convulsivamente devido à febre. Sophronia estava doente havia noventa dias, chegando quase mesmo a morrer.

"Percebo que o jovem Joseph ainda está muito mal," Joseph ouviu a Sra. Perkins falar.

"Sim. Ele tem estado bem doente há semanas. O tifo causou uma inflamação em seu ombro devido à febre. O Dr. Stone a lancetou, mas a dor desceu como relâmpago por seu lado, até sua perna. Ele a cortou, até o osso, tentando aliviar a infecção. Mas ainda está muito vermelho e inchado."

"Achamos conveniente convocar um conselho de cirurgiões para consultarem-se sobre o caso," Joseph ouviu seu pai explicar. "Estamos somente esperando para ouvir."

Esperar. Tanta espera. Joseph ficou pensando. Todos haviam feito o melhor possível; ele sabia disso. Até mesmo seu irmão mais velho, Hyrum, havia-lhe segurado a perna dia e noite, para ajudá-lo a aliviar a dor. Mas a dor persistia. Certa vez, Joseph gritou de desespero: "Ó, Pai, como posso eu suportar isso?" Seu pai agora o chamava: "Os doutores estão-se aproximando, Joseph."

Rebecca proferiu um rápido "estimo as melhoras", conforme Lucy convidava os doutores para um recinto separado. "Senhores, o que podem fazer para salvar a perna de meu garoto?" perguntou ela.

Não houve resposta por alguns instantes: então, um dos cirurgiões disse tão brandamente quanto podia: "Nada podemos fazer... sua perna é incurável. A amputação é absolutamente necessária, a fim de salvar-lhe a vida".

Lucy cobriu a boca com as mãos, como para silenciar o grito que nas-

cia em sua garganta. "Não! Não o pequeno Joseph!" Ela se encontrou recordando a época em que o doutor disse que Sophronia não poderia viver. Como ele havia parado de vir, dada a proximidade da morte, eles oraram por um milagre... que aconteceu, simplesmente. Com a cabeça nas mãos, a mãe de Joseph orava por outro milagre!

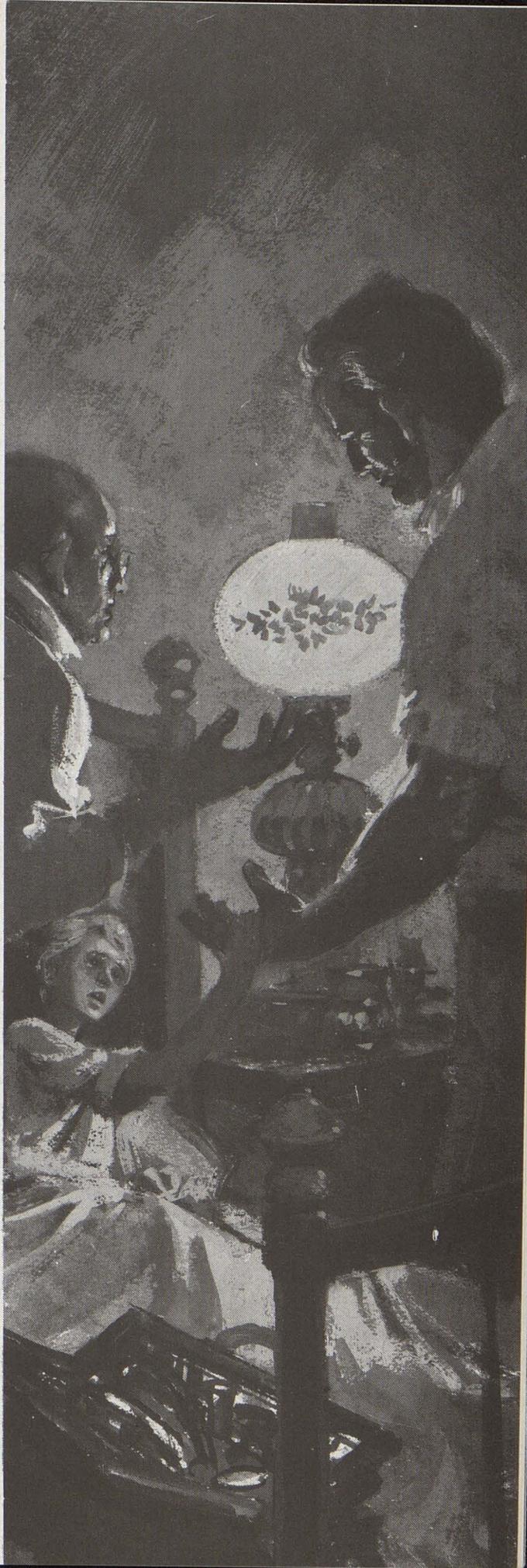
Quando levantou a cabeça, disse calmamente: "Dr. Stone, o senhor não pode fazer outra tentativa? O senhor não pode tirar-lhe a perna, até que faça outra tentativa."

Após consultarem-se, os doutores decidiram tentar remover o osso infeccionado. Lucy foi buscar alguns lençóis limpos, para colocá-los dobrados sob a perna infeccionada, enquanto os doutores relatavam a Joseph o que iriam fazer. Como não houvesse anestésicos para diminuir a dor, pediram a sua mãe: "Traga algumas cordas. Podemos amarrá-lo à cabeceira da cama. Traga também um pouco de licor ou vinho; a dor será quase insuportável."

Mas Joseph protestou. Ele não queria nenhuma bebida alcoólica; também não queria ser amarrado. "Mãe,, quero que você saia do quarto. Papai pode suportar, mas a senhora tem-me carregado tanto, e cuidado de mim por tanto tempo, que já está quase desgastada." Lágrimas afloraram-lhe aos olhos: "Vou pedir ao papai que sente na cama e me segure nos braços. Então farei o que é necessário para que o osso seja tirado."

Um dos doutores objetou. "O menino é tão jovem! Ele necessita de algum tipo de ajuda para poder suportar tudo isso!"

Joseph buscou a mão do pai e puxou o grande homem para seu lado



na cama. "O Senhor me ajudará... eu suportarei tudo isso."

Assim, o grande e vivido fazendeiro colocou os braços ao redor do pequeno filho e o abraçou perto de seu coração. A cirurgia iniciou-se. Ela foi longa e excruciante, sem qualquer remédio para diminuir a dor, somente seu pai para se agarrar. Em dado momento, a mãe de Joseph ouviu seus gritos e voltou correndo para a casa.

"Oh, mamãe, volte, volte. Não quero que você entre. Vou tentar suportar, se você for embora," soluçou ele.

Quando terminou a brutal operação, Lucy permanecia hesitante à porta do quarto, não tendo coragem de fazer as perguntas que tremiam em seus lábios. Seu marido, apoiando suavemente os ombros do filho,

olhou para cima e estendeu a outra mão para ela.

Em um instante, Lucy estava do outro lado do quarto, aquela mão curvando-se ao redor da sua, conforme ela se ajoelhava ao lado da cama do jovem Joseph. Como ele parecia pequeno e pálido. Como estava quieto!

Das escuras profundezas de sua exaustão, Joseph ouviu-a chegando, sentiu seu toque gentil, mas hesitante. Abriu os olhos, e seu firme olhar azul eliminou a ansiedade da face de sua mãe.

O Dr. Stone limpou o suor da testa. "Tudo está bem," disse, inclinando a cabeça. O jovem Joseph sabia que o Senhor estava com ele. Suas orações haviam sido respondidas. Sua perna sararia.

Charadas Bíblicas

por Lois Snelling

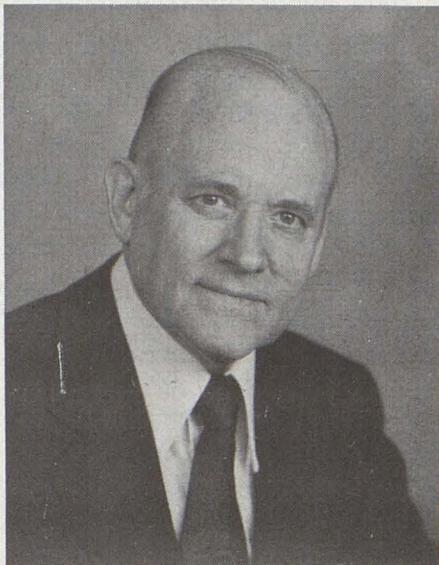
De que personagens bíblicos nos lembramos ao ler o seguinte:

1. Sarça ardente
2. Escada para o céu
3. Túnica de várias cores
4. Fornalha de fogo ardente
5. Serpente
6. Estátua de sal
7. Muralhas de Jericó
8. Baleia
9. Trinta moedas de prata
10. Harpa

RESPOSTAS:

1) Moisés; 2) Jacó; 3) José do Egito; 4) Daniel; 5) Eva; 6) Mulher de Lot; 7) Josué; 8) Jonas; 9) Judas; 10) Davi.

Elder Hunter na Estaca Rio de Janeiro



Élder Howard W. Hunter, do Conselho dos Doze, esteve no Rio de Janeiro e presidiu a Conferência da Estaca Rio de Janeiro nos dias 9 e 10 de setembro pp.

O presidente daquela Estaca, Valdemar Cury, dirigiu a Conferência e deu as boas-vindas à Congregação de aproximadamente 1.100 pessoas na sessão geral da manhã de domingo.

Um coro, formado pelas alas da Estaca Rio de Janeiro, abrilhantou a conferência com cânticos de louvor.

Élder Hunter deu instruções aos bispos de sua responsabilidade em reativar os membros inativos. Falou da urgência de os membros se prepararem para o templo. Aos jovens disse que eles são a vida da Igreja e exortou-os a guardarem os mandamentos e a fazerem missão.

Ao despedir-se, invocou as bênçãos do Senhor sobre a congregação e o povo em geral.

Falece o Élder Stapley

O Élder Delbert Leon Stapley, de 81 anos de idade, que serviu como membro do Conselho dos Doze durante 28 anos, faleceu no dia 19 de agosto, enquanto dava um passeio perto de sua casa. Levado rapidamente ao Centro Médico da Universidade de Utah, foi declarado morto às 12h10m, de uma parada cardíaca.

Os funerais realizaram-se ao meio-dia de 22 de agosto, no Tabernáculo de Salt Lake, tendo a Primeira Presidência como oradores e o Presidente Ezra Taft Benson e Élder Mark E. Petersen oferecido as orações de abertura e encerramento. O Coro do Tabernáculo cantou vários números, inclusive o comovente "Our God Is a God of Love" (Nosso Deus É um Deus de Amor), cuja letra fora escrita por Élder Stapley.

Além da Primeira Presidência, estavam presentes aos funerais: sua esposa Ethel, familiares e todas as Autoridades Gerais que não estavam fora em designações da Igreja.

Uma declaração da Primeira Presidência elogiou o apóstolo pelos seus anos de serviço à Igreja:

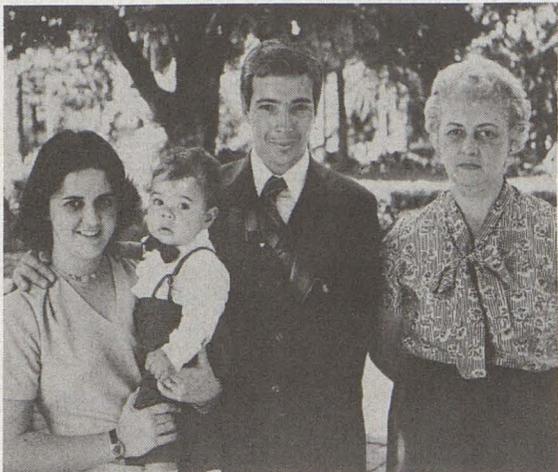
"Sua vida foi rica em vigoroso, determinado e fiel serviço a Deus e a seu semelhante.

"Seu legado a sua família, à Igreja e ao mundo é um testemunho solene de que existe um verdadeiro Pastor, um Redentor de toda a humanidade — nosso Senhor Jesus Cristo. A vida de Delbert L. Stapley é um testemunho dessa verdade eterna," dizia a declaração. Expressava também solidariedade à família Stapley e continuava: "A juventude do mundo não teve maior defensor do que este homem, severo, mas afável."

A declaração concluía: "Ele ensinou, por palavras e por atos, aqueles princípios eternos que podem enriquecer a vida de todos os homens e mulheres, com liberdade e justiça, honra e virtude, integridade e amor."



Presidente Bangerter ao lado da nova Presidência da Estaca



Presidente Galharido com sua família (esposa, filho e sogra).



Bispo Roberto Pires, da nova Ala de Ribeirão Preto, com sua família.

13.^a Estaca Organizada no Brasil

O atual surto de crescimento da Igreja no Brasil marca para nós membros brasileiros uma época muito importante de nossa vida. Mas sabemos que este é apenas o início de uma grande obra. Já em 1956 o Presidente Henry D. Moyle da Primeira Presidência profetizava em uma reunião em nosso país que, *experiências espirituais* fariam com que milhares de pessoas nesta terra se converteriam ao evangelho e à Igreja.

Hoje somos mais de 60.000 membros, trabalhando em tempo integral, quatro missões de proselitismo com 640 jovens missionários. Doze estacas de Sião, e um templo.

A primeira das estacas brasileiras foi organizada em 1966, com sede na capital de São Paulo, e a 13.^a acaba de ser organizada no interior deste mesmo estado, cobrindo as áreas das seguintes cidades:

Araraquara, Ribeirão Preto, Bauru, São José do Rio Preto, São Carlos e Rio Claro, onde vivem cerca de 3 500 membros.

Estaca de Araraquara

William Grant Bangerter, autoridade geral representante de área, presidente no 1.^o Quorum dos Setenta, organizou a mais nova estaca no dia 21 de outubro, tendo chamado para Presidente da Estaca o Presidente Márcio Rodrigues Galharido. Para 1.^o Conselheiro o Presidente Jalal Samaha e para 2.^o Conselheiro o Presidente Carlos Roberto Rocha.

Completando a organização chamou como Secretário Executivo o irmão Edson Pavan. Como Secretário da Estaca o irmão Adelson Dias Santana. E como Secretário Adjunto o irmão João Cesar Botosi.

Para formar o Sumo Conselho da Estaca foram chamados os seguintes irmãos: José Maurício Custódio, Pedro Brasilense de Abreu, Pedro Philipelli, Moacyr Ro-

drigues, Jorge Luiz Soler, João Carlos Ferreira, Eduardo Luiz Peres, Wilfrido Lopes Martinez, Reynaldo Guermandi, Jovair Antonio Moreira, Francisco Anésio Cunha, Ulisses Philipelli.

Como Bispos das Novas Alas que compõem a Estaca foram chamados:

Araraquara: Bispo Edson Lustosa Araújo

Bauru: Bispo José A. Ribeiro Luz

Ribeirão Preto: Bispo Roberto Pires

Rio Claro: Odival Luciano Barbosa

São José do Rio Preto: Bispo Jairo Augusto de Oliveira

São Carlos: Bispo Vicente de Paula Machado.

Após terem sido apoiados pela congregação reunida, estes líderes foram ordenados sumo-sacerdotes e designados em suas novas funções.

Este evento realizou-se no Teatro Municipal de Araraquara, que teve suas dependências inteiramente lotadas pelos membros vindos de todas as cidades da área da Estaca.

Nossa reportagem participou e sentiu o espírito do Senhor reinar naquela oportunidade, a emoção e a alegria de todos, e ainda dentro desse clima pôde ouvir em entrevistas os Presidentes chamados.

O Que Pensam os Novos Líderes

Entrevistas: *Presidente Marcio Rodrigues Galhardo*, de 31 anos, foi batizado em 6 de junho de 1963. É casado com Valderez Fernandes Galhardo e tem um filho, Marcio Galhardo Júnior. Pres. Galhardo trabalha como Gerente Administrativo de uma empresa de aparelhos eletrônicos em Rio Claro, onde reside. Até recentemente ocupou o cargo de Presidente do Distrito de Rio Claro, tendo já trabalhado bastante com os jovens, a quem muito estima. "Não pensei muito ainda" — disse o Pres. Galhardo — "mas ontem orei bastante sobre meu novo chamado. Sinto sobre meus ombros uma grande responsabilidade, mas espero que o Senhor me possa revelar por que me chamou para presidir esta Estaca de Sião. Espero que

Ele me ajude a levar avante o trabalho. Sinto-me honrado e emocionado."

Presidente Jalal Samaha foi batizado, juntamente com sua esposa, irmã Maria Aparecida Samaha, em 1962, na cidade de Araraquara. Dentre os cargos que já ocupou lembrou-se da Classe de Integração, Superintendente da Escola Dominical e Presidente do Distrito de Araraquara por 5 anos. Posteriormente foi Presidente do Ramo de Araraquara e depois voltou a presidir o Distrito de Araraquara por mais 3 anos. "— Sinto-me bem humilde com o novo chamado." — Disse o Presidente Jalal. — "Estou disposto a dar mais do que tenho dado até agora para o progresso do trabalho do Senhor."

Presidente Carlos Roberto Rocha foi batizado em março de 1970 em Araraquara. Já trabalhou como secretário do Ramo, seu conselheiro, e já serviu como missionário de tempo integral na Missão Brasil Porto Alegre, entre 1975 e 1977. Ao retornar de sua missão serviu como 1.º Conselheiro do Distrito de Araraquara, função que ocupou até a organização da nova Estaca. Pres. Rocha tem um forte testemunho do Evangelho e está muito feliz com seu novo chamado.

O Que o Senhor Espera de Nós

Ao anunciarmos a criação de uma nova estaca, podemos lembrar as recentes admoestações de nosso Profeta que revela o desejo do Senhor: *de que devemos acelerar os passos.*

Muitas outras estacas deverão ser criadas e isso não depende apenas do desejo das autoridades, depende muito mais do nosso desejo, como membros fiéis de obedecer aos mandamentos, e um deles é fazer também proselitismo. Esta é uma Igreja proselitista.

Cada membro é um missionário.

Temos a oportunidade de ao servir nos chamados da Igreja crescer em conhecimento e espiritualidade, podendo assim tornar-nos líderes de novas ovelhas.

Somente com experiências espirituais converteremos nossos irmãos.

Max Lery Shirts Presidente da Missão Rio de Janeiro Brasil



Descendente de pioneiros da Igreja, e natural de Mountain Home, Utah, Max Lery Shirts de 60 anos, é o atual presidente da Missão Rio de Janeiro.

Serviu no Brasil como missionário em 1939 nos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Entre seus companheiros de missão, destacam-se élder William G. Bangert. Esse foi um tempo difícil porque nenhum missionário dominava o português, e a Igreja não tinha material algum publicado neste idioma. Desta época guardou uma grande saudade e o desejo de voltar ao Brasil um dia:

Da sua infância recorda a região montanhosa onde viveu como camponês, lavrando a terra com a família para ganhar o sustento, recorda-se ainda de um pai de personalidade forte e costumes severos,

mas que incutiu sabiamente os princípios do Evangelho no coração dos filhos. Das montanhas de Oregon, transferiram-se para Payson, Utah. Cursou ali ginásio e o colegial. Em seguida ingressou na BYU, onde cursou música especializando-se em violino. Em seguida veio a missão para o Brasil, custeada com grande sacrifício econômico por parte da família.

De volta da missão casou-se com a antiga namorada, que também retornava da missão e voltou para BYU e cursou Engenharia Industrial. O casal tem seis filhos, três homens e três mulheres, e treze netos:

Presidente Shirts foi bispo em Grantsville, membro do sumo conselho e primeiro conselheiro de uma estaca em Salt Lake. Ensinou música por quatro anos.

Tocou na orquestra profissional de Provo e na sinfônica da BYU, trabalhou como Engenheiro Industrial para o Governo.

De sua adjutora, ele tem recebido grande apoio e incentivo. Irmã Ruth Howard Shirts fez missão ao mesmo tempo que o marido, servindo no Texas, Califórnia, Novo México e Colorado. Trabalhou muito tempo na Sociedade de Socorro da Ala e da estaca. Foi professora da Escola Dominical durante oito anos.

O casal Shirts está muito entusiasmado com seu novo chamado, que considera uma grande bênção do Senhor. A família Shirts sempre se destacou pela dedicação ao serviço missionário. O pai do presidente Shirts presidiu uma missão na Carolina do Sul, o sogro presidiu missão na Inglaterra, os filhos cumpriram missão no México, na Noruega e no Brasil. É um privilégio para ele poder servir — “Um servo de Deus é alguém que dá toda sua atenção e energia ao trabalho dele.”

O melhor exemplo disso, é sem dúvida, o presidente Kimball. Um homem que tem trabalhado duramente toda sua vida pela causa do Senhor. Um homem sem

ambições. Quando presidente do Quorum dos Doze e o presidente Lee já se encontrava doente, orava continuamente ao Senhor, pedindo que lhe fosse preservada a vida. Mas quando a responsabilidade de conduzir a Igreja do Cordeiro foi posta sobre seu ombro, ele ou se torna um dos profetas mais importantes desses últimos tempos, em virtude da grande revelação que estendeu o direito do Sacerdócio e a possibilidade de fazer os Convênios Eternos nos templos a todos os homens.

O presidente Kimball orou continuamente durante dezoito meses antes de receber esta revelação, que veio reforçar ainda mais o testemunho de todos nós sobre a veracidade do Evangelho.

Quando chegarmos ao outro lado, depois de termos feito as ordenanças no Templo, estaremos ligados um ao outro, uma geração a outra. Então não haverá mais Igreja, a família será a Igreja, dirigida por um sistema patriarcal estabelecido nos céus. Ao chegarmos lá, estaremos reunidos com nossos antepassados e descendentes. É, pois, da maior importância que fiquemos fiéis a Igreja.

Igreja em Ubatuba

Foram batizados em Ubatuba os irmãos Virgilio Cazelatto, Enaus Gonçalves e Frederico R. Fuchs, Reinaldo Fuchs, por missionários que ali foram enviados.

Em virtude do sucesso alcançado na obra missionária, foi organizado um grupo sob a liderança do irmão Virgilio Cazelatto assessorado pelos dois missionários que lá trabalham com muito entusiasmo. Lá os batismos são realizados no mar. Esse contato com a natureza traz grande espiritualidade à cerimônia. Os horários das reuniões aos domingos são:

Sacerdócio: 15,30 horas.

Escola Dominical: 16,30 horas.

Reunião Sacramental 17,30 horas.

As reuniões são realizadas na Praia da Enseada, Estrada do motel Mediterrâneo à Rua “B”, segunda casa à esquerda.

Firmes, Marchai!



Um membro negro da Igreja no Brasil já está servindo missão em seu país.

Marcos Helvécio Martins está trabalhando como missionário na Missão desde o princípio de agosto.

É filho de Rudá e Helvécio Martins, do Rio de Janeiro.

O Élder Martins estava noivo e com o casamento marcado para 5 de agosto quando foi chamado para missão. Até mesmo os convites já haviam sido encaminhados. No início ele hesitou em aceitar o chamado. “Não há tempo para mudar nossos planos”, tudo está pronto para o casamento. Já temos os papéis de casamento prontos e o apartamento alugado e montado.

Os pais, o bispo e o presidente da Estaca e outros tentaram convencê-lo, mas sem resultado. Então um jovem chamado Ramiro Martins Silva Filho, ex-missionário e amigo de Marcos, conversou com ele.

Depois disso houve uma mudança e Marcos foi tocado pelo espírito do Senhor e decidiu cumprir a missão agora e deixar o casamento para mais tarde. Sua noiva, que é ex-missionária da Igreja, concordou alegremente com sua decisão.

A família Martins é membro da Igreja desde 2 de julho de 1972. Irmão Martins, o pai, é agora Coordenador de Comunicações Públicas no Rio de Janeiro; é um élder no sacerdócio de Melquisedeque.

O élder Martins e seu pai foram ordenados juntos no sacerdócio em 18 de junho passado e ordenado élder em 25 de junho. O pai foi ordenado pelo presidente de sua estaca João Eduardo Kemeny e em seguida ordenou ele próprio o filho.

Irmã Martins é presidente da Primária da Estaca Rio de Janeiro Niterói. No lar ela cuida de mais um filho homem e duas filhas mulheres. Todos bem jovens.



PRODUZIR HOMENS, E NÃO PÊSSEGOS

Ezra Taft Benson

Todos temos nossos contratempos. A quem o Senhor ama, ele castiga, e é nas profundezas que os homens e as mulheres aprendem as lições que ajudam a edificá-las fortes — não nas alturas do sucesso. Na hora do sucesso do homem, está seu maior perigo. Por vezes, são necessários alguns contratempos, para que apreciemos nossas bênçãos e desenvolvamo-nos com um caráter forte e corajoso.

Lembro-me de um jovem casal que iniciou uma lavoura em Idaho, anos atrás. Seus recursos eram modestos, mas eles deram uma entrada no pagamento de 40 acres de terra virgem. Envolveram-se com plantações de frutas — particularmente pêssegos. Havião nivelado a terra, ele-

vado as cercas, plantado as árvores, e então limpavam a terra, a irrigavam, e observavam até a época em que teriam uma colheita. Particularmente nesta primavera, o pomar era um oceano de flores, e parecia que iriam ter uma colheita abundante. Então, certa noite, sem qualquer aviso, veio uma geada que praticamente dizimou toda a colheita, da noite para o dia. Bem, o jovem João não foi à Igreja no próximo domingo, nem no outro, e nem no outro domingo. Finalmente seu bispo veio visitá-lo, para verificar o que estava errado. Ele encontrou João no campo, e disse: “João, não o temos visto na Igreja há várias semanas. Qual é o problema? Há algo errado?”

João respondeu: “Não, bispo, não vou mais à Igreja. Você acha que posso adorar um Deus que deixa isto acontecer comigo?” E ele começou a explicar ao bispo o que havia acontecido. Obviamente, o bispo também se sentiu pesaroso, e expressou isso a João. E abaixando os olhos para o chão por um momento, disse: “João, tenho certeza de que o Senhor sabe que você não pode produzir os melhores pêssegos com a geada. Mas também tenho certeza de que ele sabe que não se pode produzir os melhores homens sem geada, e o Senhor está interessado em produzir homens, não pêssegos.” Bem, João foi à Igreja no próximo domingo, e veio mais um ano de colheita. Mais tarde, ele se tornou um bispo na Igreja.

Lembro-me também de assistir a uma reunião perto de Bancroft, Idaho, anos atrás. Foi patrocinada em parte por um serviço extra da Universidade. Tivemos uma reunião maravilhosa, e quando terminou, eu estava cumprimentando alguns dos excelentes fazendeiros que lá estavam, e entre eles encontrava-se um homem chamado Irmão Yost, e eu lhe disse: “Irmão Yost, como vão as coisas na fazenda?” O Irmão Yost disse: “Bem, as coisas estão indo bem, Irmão Benson, mas tenho 20 mil dólares a menos do que possuía três dias atrás.” Disse-lhe: “Qual é o problema, outra geada?” Ele respondeu: “Sim, ela atacou o trigo bem na época em que ele está mais macio, e o senhor sabe o que isso significa.” E continuou: “Vamos começar a usar as colhedoras amanhã de manhã, mas tudo está bem. Ainda temos um pouco de trigo no celeiro, e pelo menos parte de nosso suprimento anual reservado. Não vamos passar fome, e haverá outra colheita.” Conforme nos despedimos dele, eu disse a minha mulher: “Que espírito maravilhoso!”

Dirigimo-nos então para Logan. Tínhamos nossos filhos conosco, e paramos na Rua Principal, a fim de irmos a uma confeitaria comprar alguns biscoitos para as crianças. E quem encontro na calçada, senão o Irmão Yost! Disse-lhe: “Bem,

o que você faz aqui?” Ele respondeu: “Irmão Benson, é nosso dia de ir ao Templo.” E eu lhe disse: “Bem, os contratemplos não enfraquecem seu espírito nem um pouco, não é?” Ele aí me ensinou uma lição. Disse-me: “Irmão Benson, quando os contratemplos vêm, precisamos muito mais do Templo.”

Quando os contratemplos vêm, precisamos muito mais da Igreja e do Evangelho. Estou satisfeito que seja possível para um homem ou uma mulher que tenham um testemunho da divindade desta obra, enfrentar quaisquer contratemplos, e ainda assim manter suave seu espírito e forte sua fé. Vi membros desta Igreja na Europa, logo após a Segunda Guerra Mundial, a pior guerra até agora da qual temos conhecimento na história das nações modernas, quando os países estavam economicamente arrasados. Vi membros desta igreja, alguns deles os únicos remanescentes de famílias outrora felizes e prósperas, com seus lares destruídos e cada membro da família morto na guerra — e lá estavam eles como a única pessoa restante. Eu os vi e ouvi, quando se levantavam para prestar testemunho da divindade desta obra e agradecer a Deus por suas bênçãos, as bênçãos da eternidade do convênio matrimonial, a convicção de que a família continua após o véu, de que há vida após a morte, de que haverá uma reunião feliz para todos os que vivem dignamente.

Sim, podemos enfrentar todos os contratemplos que surgirão, com a ajuda do Senhor e as bênçãos de Deus. E cada contratempo pode ser usado em nosso benefício e bênção, e nos tornará mais fortes, mais corajosos, mais semelhantes a Deus. Muitas pessoas tiveram contratemplos nestes últimos dias.

Penso frequentemente no Profeta Joseph Smith — para mim, o maior profeta que já viveu sobre a terra, com exceção de Jesus, a quem ele representava e servia. Penso em suas provas e tribulações. Pensei nelas, quando estive na cadeia, em

Liberty, pela primeira vez, e também na segunda vez. Vocês se lembram, ele estava naquela cadeia imunda, rodeado por homens vis, não por um período de dias ou semanas, mas meses. E finalmente, quando parecia não poder mais suportar, lembaram-se de que suplicou nestas palavras:

“Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo?”

“Quanto tempo reterás a tua mão, e o teu olho, sim, e o teu olho puro, contemplará dos eternos céus as ofensas contra o teu povo e teus servos, e penetrarão teu ouvido os seus choros?”

“Sim, Ó Senhor, quanto tempo ainda sofrerão eles estas injustiças e opressões ilegais, antes que teu coração deles se enterneca, e as tuas entranhas deles se compeçam?”

“Lembra-te dos teus santos que sofrem, ó nosso Deus; e os teus servos em teu nome se regozijarão para empre.” (D&C 121:1-3, 6.)

Então veio a resposta em revelação ao Profeta nestas palavras:

“Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento;

“E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sobre todos os teus adversários.

“Teus amigos te apóiam e outra vez te saudarão com corações cheios de amor e com mãos amigas.” (D&C 121:19.)

Vejam a promessa. E então este castigo suave. “Ainda não estás como Jó;

teus amigos não contendem contra ti, nem te imputam transgressões, como fizeram a Jó.” (D&C 121:10.)

E esta promessa adicional: “E aqueles que te imputam transgressões, suas esperanças serão destruídas, e seus prospectos se derreterão como a geada branca se derrete aos raios ardentes do sol nascente.” (D&C 121:11.)

Em outra ocasião, o Senhor indicou ao Profeta que “os confins da terra inquirirão pelo teu nome, e tolos zombarão de ti, e o inferno contra ti se enfurecerá;

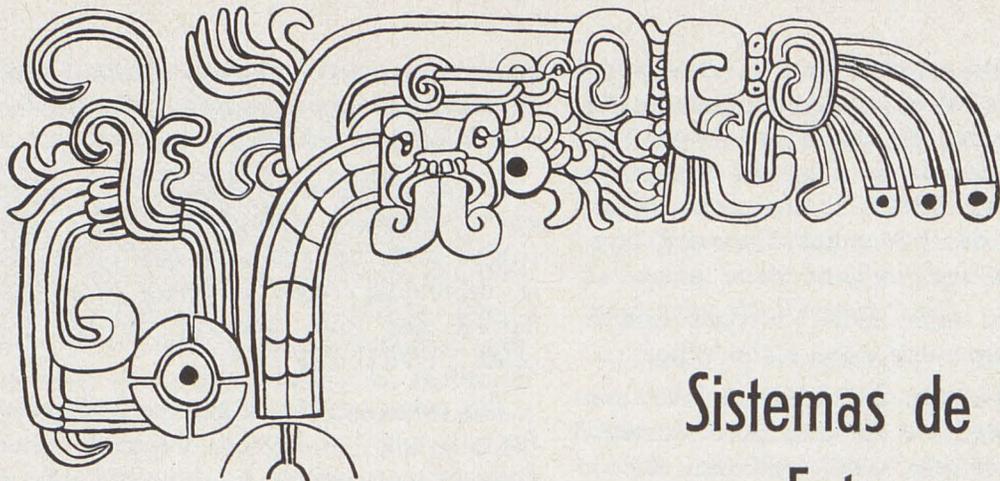
“Enquanto os puros de coração, e os sábios, e os nobres, e os virtuosos, procurarão conselho, e autoridade, e bênção de tuas mãos continuamente.” (D&C 122:1-2.)

E aí o Senhor proferiu esta significativa declaração:

“E se fores lançado na cova ou nas mãos de assassinos, e receberes a sentença de morte; se fores lançado ao abismo; se as vagas encapeladas conspirarem contra ti; se ventos furiosos se tornarem teus inimigos; se os céus se nublarem tenebrosamente e todos os elementos em conjunto obstruírem o caminho; e acima de tudo, se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a sua boca contra ti, saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.

“O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?” (D&C 122:7-8.)

“O Senhor sabe que você
não pode produzir os melhores pêssegos com a geada...
ele sabe que não se pode produzir
os melhores homens sem geada e
o Senhor está interessado em produzir homens,
não pêssegos.”



Sistemas de Escrita Entre os Povos do Livro de Mórmon

John L. Sorensen

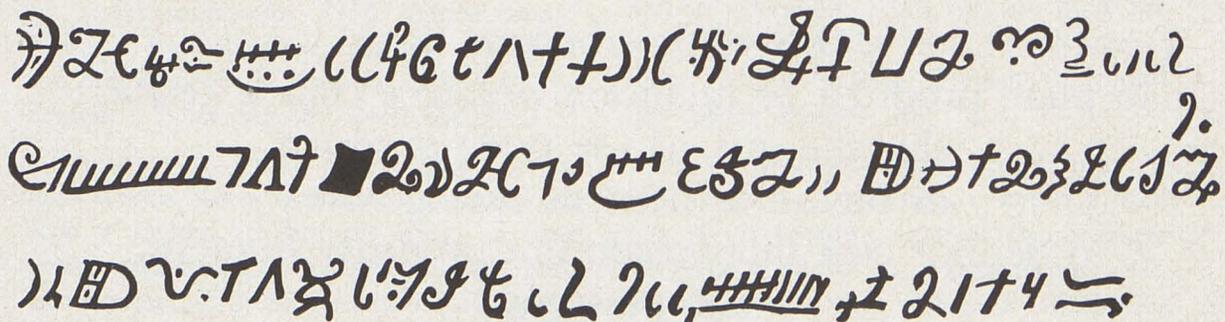
Como Santos dos Últimos Dias, sabemos algo sobre escritas americanas antigas a partir do que lemos no Livro de Mórmon. Podemos suplementar este conhecimento com fatos que os estudiosos obtiveram sobre o mesmo assunto.

Os únicos verdadeiros sistemas de escrita que com certeza foram usados em tempos antigos no hemisfério ocidental estavam no centro e sul do México, bem

como na parte norte da América Central. Naquela área, mais que meia dúzia de sistemas diferentes, porém relacionados, foram descobertos. Durante gerações, os estudiosos tentaram, com pouco sucesso, decifrar os sistemas americanos antigos de escrita hieroglífica.

A maioria das civilizações antigas não usavam alfabeto. Ao invés disso, empregavam um único caráter tanto para uma sílaba como para uma palavra completa

Os caracteres descritos no Livro de Mórmon soam como um sistema ideográfico, com poucos símbolos representando sons





ou um significado. Este último sistema é chamado escrita "ideográfica" ("escrita das idéias"). Um sistema ideográfico envolvia muitas centenas, e até mesmo milhares de sinais distintos — um por palavra ou idéia. Sistemas de escrita chinesa e egípcia, eram deste tipo. Também o era o dos Maias e outros povos do Novo Mundo. Os sinais egípcios eram cerca de 750, aproximadamente o mesmo número que nos antigos métodos centro-americanos.

A maioria desses símbolos comunicava uma idéia central. O sinal de uma pegada poderia significar "pé", mas uma pegada poderia também servir como "ir" ou "jornada", de modo que o leitor deveria fazer um julgamento sobre exatamente o que o sinal representava. O significado deveria ser esclarecido através do contexto ou pelo acréscimo de outro símbolo. Havia caracteres que representavam sons de uma forma semelhante à alfabética, mas essa técnica, que usamos o tempo todo, nunca foi aperfeiçoada ou empregada extensivamente. Como resultado, era necessária muita experiência e profundo conhecimento para compreender os sistemas de escrita. As pessoas comuns não tinham tempo de serem educadas em tais assuntos; eram os sacerdotes e uns poucos da classe dominante que aprendiam o complexo sistema.

A escrita descrita no *Livro de Mórmon* parece assemelhar-se a um sistema ideo-

gráfico, com uns poucos símbolos representando sons. Morôni, 400 anos após o nascimento de Cristo, relatou que escreveu em "caracteres" que chamavam de "Egípcio reformado". (*Mórmon* 9:32-33.) Esta escrita nefita parece ter sido complicada e de certa forma ineficiente. Mórmon notou (*3 Néfi* 5:18). "Há muitas coisas que, segundo nossa linguagem, não somos capazes de escrever." Seu filho Morôni queixou-se ao Senhor (*Êter* 12:24-25): "Mas não nos concedeste escrever senão pouco, em virtude da inabilidade de nossas mãos... quando escrevemos, observamos nossa fraqueza e tropeçamos ao colocar as palavras." Como resultado, era um trabalho difícil dominar completamente o sistema.

O Rei Benjamin (*Mosiah* 1:2-4), dirigindo-se aos seus três filhos príncipes, deu ênfase à importância de eles se tornarem capazes "em todo o saber de seus pais", o qual envolvia "a sabedoria dos judeus e a língua (isto é, os caracteres escritos) dos egípcios." (*1 Néfi* 1:2.) Este difícil aprendizado explica provavelmente por que, em outra época, "muitos eram ignorantes por causa de sua pobreza, ao passo que outros recebiam muita instrução, por causa de sua opulência." (*3 Néfi* 6:12.)

À primeira vista, parece haver uma grande distância entre o egípcio reformado de Morôni e os hieróglifos americanos antigos, mas os sinais maias, no final das contas, funcionavam baseados nos mesmos princípios que os egípcios, o quais o Pai Léhi trouxe da Palestina. É claro que os caracteres específicos foram continuamente modificados — "transmitidos e alterados por nós segundo nossa maneira de falar." (*Mórmon* 9:32), conforme Morôni declara — mas, mesmo assim, "egípcio reformado" não é uma descrição má.

A única maneira que temos de saber como parecia ser o egípcio reformado é o transcrito de Anthon — sete linhas de caracteres supostamente copiados das placas do *Livro de Mórmon* e mostrados a um certo professor Anthon por Martin

Harris. Não sabemos com que cuidado eles foram copiados, ou mesmo, de fato, qual lado da transcrição é o de cima. O professor Anthon mais tarde descreveu o que vira:

“Os caracteres foram arrumados em colunas como no modo da escrita chinesa... e todos os tipos de letras, mais ou menos distorcidos, por falta de capacidade ou pelo próprio desenho, estavam misturados com diversos rabiscos de meias-luas, estrelas, e outros objetos naturais, e o conjunto terminava em uma rude representação do zodíaco mexicano.”

Em outra ocasião, ele repetiu a descrição das colunas perpendiculares, acrescentando: “e o conjunto terminava em um rude esboço de um círculo, dividido em várias áreas, rodeado com vários sinais estranhos e evidentemente copiados do calendário mexicano (publicado) por Humboldt, mas copiado de uma forma que não traísse a fonte.” (B. H. Roberts, *Comprehensive History of the Church*, 1:106:107.)

Visto que Anthon é a única testemunha a nos deixar uma descrição do que viu, somos forçados a concluir que o que es-

tava nas placas do *Livro de Mórmon* se parecia muito com o antigo “codex”, ou livro americano, com suas colunas perpendiculares de sinais.

O padre Diogo de Landa descreveu os livros de Yucatan (México) logo após a conquista espanhola:

“Esses povos também se utilizaram de certos caracteres ou letras, com as quais escreveram em seus livros seus assuntos antigos e suas ciências, e por meio deles, de desenhos e certos sinais nesses desenhos, eles entendiam seus negócios, e faziam com que os outros os compreendessem e ensinassem. Encontramos um grande número desses livros com esses caracteres.” (*Relación de las Cosas de Yucatán*, uma tradução, A. M. Tozzer, ed. [Cambridge, Massachusetts: Peabody Museum, 1941], pp. 27-28.)

Mas para Landa e outros sacerdotes espanhóis, esses livros eram do demônio, de modo que eles queimaram tantos quantos podiam tirar do povo nativo, “o que lhes causou grande sofrimento”, pois os livros estavam entre possessões mais valiosas.

Livros maias eram feitos de papel formado da casca de uma variedade de figueira



Esses livros maias eram feitos de papel formado da casca de um tipo de figueira. Uma longa folha desse material era dobrada como uma sanfona, de modo que parte dela ou ela toda pudesse ser aberta. Cada "página" de informação era separada da próxima do lado direito ou esquerdo por uma dobra. No México Central, por outro lado, os documentos eram usualmente enrolados como um pergaminho.

O *Livro de Mórmon* descreve livros de papel bem como placas de metal. Na cidade de Amoniah, os líderes iníquos não só queimavam vivos os homens, mulheres e crianças que acreditavam na pregação de Alma e Amuleque, mas "também trouxeram os seus anais, que continham as santas escrituras, e jogaram-nos igualmente no fogo, para que fossem queimados e destruídos." (Alma 14:8, 14.) Observe também em Alma 63:12, que as "gravações" no metal eram distintas das Transcrições (registros escritos) os quais deveriam ter sido feitos em papel.

O Dr. Robert Carmack descreveu as histórias tradicionais mantidas pelos povos Quichean da Guatemala. Cada linhagem tinha seu próprio livro, historiador e escriba. Seus livros narravam a história e as lendas que explicavam sua origem, seu direito ao governo, e seu relacionamento com os povos em redor. O futuro também estava predito nesses volumes sagrados. Grande quantidade dessas histórias tradicionais foram preservadas oralmente, apesar de apenas três livros verdadeiros da época pré-espanhola terem sido preservados.

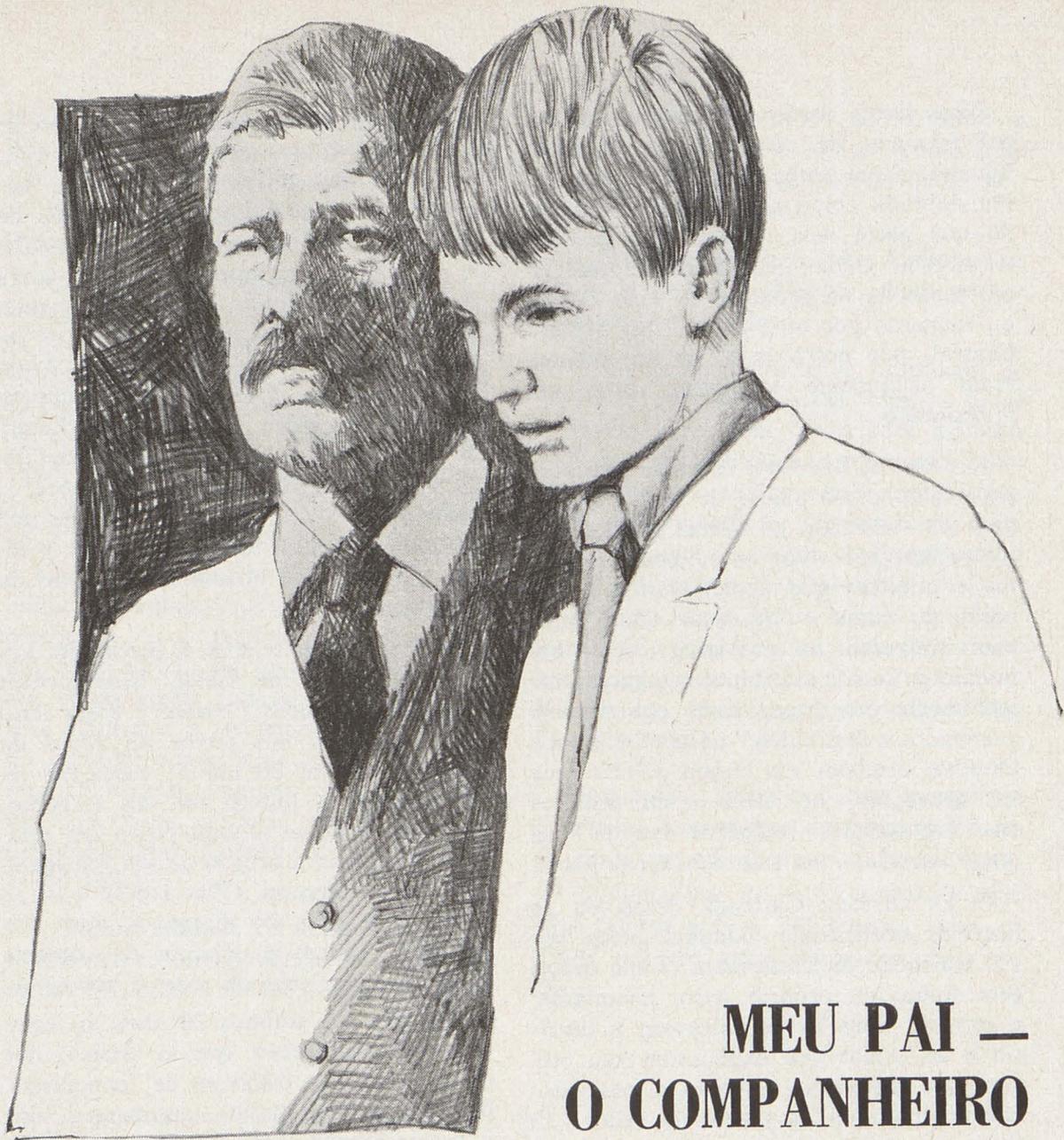
Tudo isso soa muito como o *Livro de Mórmon*. Néfi e sua linhagem de descendentes mantiveram não só seu registro (em dois volumes, um para história e

um para assuntos religiosos — 1 Néfi 9:3-4, 2 Néfi 4:14), mas a de seu pai também. Os descendentes de Lamã e Lemuel, que necessitavam dos registros de Léhi para certificarem-se de seu direito de governar, alegaram que Néfi havia roubado esse direito; conseqüentemente, queriam destruir os nefitas e todos os registros possuídos por eles. (Veja Alma 54:16-24; Enos 1:14.) Havia também registros separados do povo de Zeniff (Mosiah 25:5), a linhagem de Alma (Alma 63:16), de Helamã (Helamã 16:25), e muitos outros, sendo todos reunidos por Mórmon em um volume como hoje o temos, do Livro de Mosiah até o Livro de Morôni.

É claro que nem toda a escrita era em papel ou placas de metal. Monumentos de pedras gravadas ("stelae") eram também familiares aos povos do *Livro de Mórmon*. Ômni 20 até 22 conta-nos de Coriantumr, o último rei dos Jareditas, que gravou numa grande pedra um relato de seu povo, a origem de sua linhagem, além de seu destino. (Éter 1:6-32 e 10:32 mostram que as 24 placas de ouro dos Jareditas contam a história de somente uma linhagem, não de todo o povo.)

Somente nos últimos 20 anos, os estudiosos demonstraram que as "stelae" dos maias realmente tratavam de "conquistas, humilhação dos cativos, casamentos reais e descendências reais" (como o Dr. Michael Coe recentemente declarou), ao invés de astrologia e cronologia, como os estudiosos costumavam pensar. A pedra de Coriantumr encaixa-se muito bem como uma história de uma linhagem real.

Apesar de termos muito ainda que aprender sobre escritos americanos antigos, sabemos o suficiente para desejar mais luz e conhecimento neste fascinante assunto.



MEU PAI — O COMPANHEIRO SÊNIOR

Elouise Bell

Sábado de manhã, era dia de preparação na casa da missão, quando os missionários dos grupos mais próximos vinham para pegar exemplares do *Livro de Mórmon*, panfletos, fitas de gravador e todos os outros materiais envolvidos na pregação do evangelho no século 20. O escritório da missão estava cheio de élderes e sísteres cuidando de seus negócios, compartilhando as notícias da missão e

esperando por sua vez para levar seus suprimentos.

Logo do lado de fora da porta de meu pequeno escritório, onde eu estava datilografando um dos relatórios trimestrais, que parecem nunca nos deixar livres, sentava-se o Élder Richard Ericson. Suas escrituras com capa de couro estavam abertas em um dos joelhos, seu livro preto de anotações contendo as palestras estava

no outro, e um lápis vermelho constantemente trabalhava entre eles.

Por uma coincidência, terminamos ao mesmo tempo: tirei meu relatório terminado da máquina de escrever com grande satisfação, e ele fechou seus livros no mesmo instante.

“Bem, Élder,” disse eu, “você já está em sua missão há apenas três meses. Como vão as coisas?”

Ele sorriu, como que para si mesmo. “Não, sister, estou na missão há mais tempo que isso.”

“Ah, claro. Você se refere às oito semanas na Missão de Treinamento de Línguas. Mas eu...”

“Não” interrompeu ele. Não quero dizer isso. Quis dizer que iniciei a missão dois meses antes do que qualquer pessoa com quem vim para cá.”

Teria o Élder Ericson sido transferido de outra missão? Pensei que eu soubesse de todas as “focacas”, mas não tinha ouvido nada sobre aquilo. Será que ele ficou doente, foi para casa, e então voltou? Às vezes isso acontece.

“Está bem. Eu desisto. Não me deixe curiosa. Sei que você está conseguindo reputação de excelente missionário. De fato, os rumores são de que você será um companheiro sênior antes do Natal. Este negócio dos dois meses extras tem algo a ver com isso? Qual é a história?”

E isto é o que ele me contou. O maior dia de minha vida, até aquela época, foi quando recebi o chamado missionário. Nem mesmo ter sido aceito para a seleção estadual de basquete ou conseguir ser Escoteiro da Pátria poderia comparar-se. Papai e eu estávamos sozinhos em casa, porque mamãe e as meninas passavam dois meses em Phoenix com vovó. Havia acabado de telefonar para mamãe, a fim de lhe contar as novidades.

“Puxa, Papai,” disse eu, assim que desliguei o telefone. “Ainda estou muito

surpreso! Mamãe também acha que é maravilhoso. Por falar nisso, ela pediu-me que lhe contasse que vovó está melhor. Puxa! Ainda estou surpreso,” e pulei, tentando alcançar a soleira da porta, executando um rápido balanço.

“O que você acha de começar a missão imediatamente?” perguntou papai muito calmo.

“É claro! Gostaria de que fosse amanhã! Não posso esperar até ir para a Missão de Treinamento de Línguas e pegar um avião para — ”

“Não. Eu estava falando sério, Rich. O que você acha de iniciar a missão agora?”

“Agora? Puxa, papai, a carta diz: ‘Você entrará na casa da missão na Cidade de Lago Salgado no dia 20 de março! Não acho que eles me deixariam entrar mais cedo. Creio que precisaria — ’”

“Não me refiro a iniciar na Casa da Missão. Quero dizer, começar aqui.” Ele ainda estava sentado calmamente em sua grande cadeira de couro, olhando-me com atenção. Algo em seu semblante me deixou pensativo. Sentei-me na banquetta próxima à lareira e esperei.

“Não quero fazer discurso, Rich. Você está pronto para a missão; todos sabemos. Você fez todas as coisas corretas para se preparar. Por falar nisso, caso eu não tenha dito isso ultimamente, orgulho-me de você.”

Por alguma razão absurda, emocionei-me e tentei esconder as lágrimas, fingindo que amarrava os sapatos. “Mas uma missão é difícil até para os melhores jovens. Aqueles ajustamentos iniciais trazem frustração e problemas que a maioria dos jovens de sua idade não tiveram que enfrentar. E creio que certa quantia de frustração é boa para a alma. Ela o faz crescer. Mas, se uma pessoa não é capaz de suportar essas frustrações, elas podem realmente interferir em sua missão, e confundi-la; podem até — ”

“Mas, papai, o senhor disse que eu estava preparado.”

"Em todas as coisas grandes, sim. Você honrou o sacerdócio, trabalhou com afinco em seus quoruns, saiu-se bem no seminário e instituto no ano passado."

"E daí?"

"Estou-me referindo às pequenas coisas. Sua mãe e eu tentamos ensiná-lo sobre responsabilidade pessoal, e acho que você é uma pessoa madura — bem, quase sempre!" Ele deu uma risada. "Mas você sabe que sua mãe gosta de mimá-lo um pouco —"

"Ora, Papai!"

"Bem, ela o faz! E acho que isso é privilégio dela. Tudo o que quero dizer é isto: há uma série de pequenas surpresas reservadas para o missionário. Se você e eu começarmos a trabalhar nelas agora, seu ajustamento será mais fácil. Visto que nós dois viveremos sozinhos o resto do verão, poderíamos relacionar-nos baseados no companheirismo missionário, e ver o que podemos aprender." Ele encostou-se e esperou.

"Não entendo bem, papai. O senhor quer dizer que é o companheiro sênior e eu sou o júnior? Ótimo! E daí? O que faremos? Sairemos para bater nas portas? Posso até imaginar-nos na porta da Irmã Bigelow — ou do Irmão Young!" Sorri, enquanto pensava nos olhares de admiração de nossos vizinhos, se meu pai e eu vestíssemos nossos ternos escuros e saíssemos por aí, batendo nas portas.

"Não, bater nas portas, não. Você saberá sobre o que estou pensando amanhã. Nesse instante, acho que é hora de irmos dormir." Ele levantou e espreguiçou-se.

"Está certo, papai. Daqui a pouco. Só quero assistir a um pedaço da última sessão de cinema, e então eu vou —"

"Nada de televisão. É hora de ir para a cama, Élder." E alguma coisa no olhar que ele me dirigiu, fez-me pensar em meu novo companheiro sênior.

"Acorde e levante!" O chamado veio alto e claro.

Saltei da cama, admirado. Papai geralmente anda na ponta dos pés, quando

passa pelo meu quarto, principalmente no verão. Aí vi o relógio. Seis horas da manhã! Enfie-me de novo na cama com uma risada.

"Pare com as piadas, papai!" disse eu, enquanto me virava para o outro lado.

A porta abriu-se violentamente.

"Para fora da cama, Élder!" E trate de fazê-lo, assim que você terminar de orar. Você deve estar na cozinha em vinte minutos." A porta fechou-se novamente, desta vez de modo suave. Fiquei olhando para ela com admiração.

Quando cheguei à cozinha, a mesa estava posta, mas papai não havia feito mais nada para o desjejum. Ele estava sentado, lendo as escrituras na cadeira de balanço da mamãe, próxima à janela, onde o sol se filtrava pelas cortinas brancas, sobre as violetas africanas.

"Você é o responsável pelo desjejum hoje," disse ele, sorrindo. E, assim que fui até o armário pegar uma caixa de flocos de milho, ele disse: "Desculpe-me, você não pode realizar a obra missionária somente com isso. Agora, ouça cuidadosamente; direi somente uma vez." Ele levantou quatro dedos da mão direita.

"Os quatro básicos. Lembra-se disse de suas aulas de saúde? Cada refeição. Leite os produtos lácteos. Carne ou proteína, frutas e verduras, cereais e derivados. Cada refeição. Os quatro grupos básicos. Agora pode continuar."

Enquanto vasculhava freneticamente o refrigerador, dando uma olhadela para papai, sobre meu ombro, fiquei imaginando o que havia acontecido ao meu calmo e alegre pai.

Sem lágrimas, mas com suficiente suor e uma gota ou duas de sangue (cortei-me ao descascar as frutas), consegui preparar um desjejum com os quatro alimentos básicos, servindo-o quase às sete da manhã. Senti-me bastante orgulhoso. Papai nada disse, simplesmente ajoelhou-se ao lado da cadeira e falou com o Senhor, conforme havia feito cada manhã no mundo desde que estou nele, e antes também.

Mais tarde, tiramos a mesa juntos e lavamos os pratos. Papai disse: "Hora de estudo, Élder. Vamo-nos sentar aqui."

"Bem, sei que você trabalha durante a manhã no supermercado. Mas isso lhe deixa as tardes livres. Já falei com o bispo, e ele ficou bem animado com meu plano. Já mudou nossa designação de ensino familiar; esta é a nova lista."

Dei uma espiada nela.

"O senhor deve estar brincando, papai! Esta lista deve conter cada membro inativo da ala!"

"Não, nem todos. Mas estes nos manterão ocupados. Nesta tarde, quero que você a estude. Pense nas pessoas, nas famílias. Pense no que podemos fazer para ajudá-los, como podemos influenciá-los. Pense especialmente nos Marlins — vamos lá esta noite, e você dará a lição. Bem, filho, é hora de sair. Vê-lo-ei pouco antes das cinco da tarde. Hoje à noite, vou preparar o jantar, visto que você estará cuidando da lição", E ele foi embora.

Acho que minha mente estava confusa naquela primeira reunião com os Marlins. Sei que fiz tudo errado. Preguei para eles, ao invés de falar com eles. Comecei a tossir — não de propósito, prometo — quando o Irmão Marlin acendeu um cigarro (tentando pegar-me desprevenido, tenho certeza). Perguntei a Linda Marlin como ia na escola, esquecendo-me completamente de que ela havia parado de estudar.

Na manhã seguinte, papai foi em frente para a fase dois. Ao invés de acordar-me às seis, abriu a porta às 5:30, em seu uniforme de corrida. Parece-me que achou que eu estava fora de forma desde a temporada de basquete.

"Os missionários andam bastante — especialmente na área em que você vai. Precisa estar em boa forma," disse, enquanto corríamos nas colinas ao norte de nossa casa. "E agora, então —"

Agora, então? Pensei. O que poderia vir agora? Aqui estamos nós, correndo

no escuro, não tendo nem mesmo o sol para nos fazer companhia. O que poderia ser "agora, então?"

"Irmãos e Irmãs", começou ele, oferecendo só um pouco entre as frases, "Temos a satisfação de dar as boas-vindas ao Élder Richard Ericson, que é novo em nosso ramo. Gostaríamos de que o Élder Ericson nos dissesse algumas palavras. Talvez Élder Ericson gostasse de nos falar brevemente sobre a fé."

"Élder Ericson," um pouco sem fôlego, virou os olhos e começou a murmurar um discurso padronizado sobre a fé, de dois minutos e meio. No final deste "maravilhoso", sermão, Élder Ericson, Senior disse: "Amanhã, irmãos e irmãs, o Élder Ericson nos dará um verdadeiro discurso sobre a fé."

Naquela noite, um companheiro júnior cansado passou as horas com as escrituras, concordância e um exemplar de *Preleções sobre a fé*, de Joseph Smith. Mas na manhã seguinte, senti-me bem quanto ao discurso.

Bem, logo estávamos correndo cada manhã; eu preparava um jejum com os quatro grupos básicos de alimentação dia sim, dia não, e um jantar com os mesmos quatro grupos básicos nos dias intermediários; fazíamos visitas regulares à noite a nossas famílias de ensino familiar; e passava as noites memorizando escrituras e preparando-me para os discursos aos quais era "designado" a dar, enquanto corria. Eu também estava lavando minha roupa, limpando o quarto, e fazendo um orçamento de cada centavo que ganhava. Não posso dizer que adorava o horário que estávamos mantendo — levantando-me às 5:30 e indo para a cama antes de 23:00 — mas realmente me senti preparando-me para ser missionário. Portanto, essa era a ocasião para que eu ficasse humilde.

"Designação especial no próximo domingo, Rich," papai me disse no meio da semana. "Já pedi ao bispo que nos desse um serviço sacramental lá no asilo do Oak Crest. Somente nós dois estaremos fazen-

do tudo. Agora, vejamos, vou dirigir, você fará a oração de abertura, eu toca-reio o piano, você será o regente, nós dois abençoaremos e distribuiremos o sacramento e faremos os discursos e então darei a oração de encerramento.”

Não me agradou a idéia de visitar o asilo em um pequeno desfiladeiro, cerca de uma hora distante de carro de nossa casa. De qualquer forma, nunca apreciei hospitais. Mas teria que cingir os lombos e agir como missionário.

Quando cheguei a Oak Crest com papai no domingo seguinte, percebi que esse era o problema. Eu estava tendo atitudes externas como um missionário, agindo como tal em algumas ocasiões, mas por dentro ainda era Rich Ericson, o astro jogador de basquete e o mesmo brincalhão. Senti-me totalmente despreparado para o que encontramos. O asilo era limpo e moderno, as cores vivas, os funcionários alegres. Mas os pacientes! Não eram suas faces enrugadas, faces acinzentadas, seu caminhar vagaroso, confuso — se eles *pudessem* andar. Não era o fato de que eles pareciam não estar fazendo nada, simplesmente sentados, olhando para a televisão. O que mais me tocou era que todos pareciam tão solitários. Bem, em alguns lugares, podíamos ver ocasionalmente amigos e familiares visitando os pacientes idosos. E esses pacientes pareciam estar em uma categoria completamente diferente dos outros. Mas a maioria das pessoas que vimos pareciam estar isoladas, até mesmo umas das outras. Percebi que aqui a condição social não era mais o dinheiro ou a beleza, força ou conhecimento. Era, no entanto, ter alguém que o visitasse.

Realizamos a reunião em uma pequena sala de recreação. Talvez 20 pacientes estivessem na congregação, agrupados diante de nós em cadeiras de rodas ou cadeiras de desmontar, com bengalas no chão, ao seu lado.

“Queridos irmãos e irmãs,” começou meu pai. Sentado ao lado dele, olhei para

cada face. Conforme papai falava, vieram sorrisos aos seus semblantes cansados, olhos piscaram atrás de óculos antiquados. Quando me levantei para oferecer a oração de abertura, todas as orações impensadas que eu estava acostumado a proferir não foram suficientes para este momento. Fiquei de pé, em silêncio, por alguns instantes, a cabeça abaixada, e calmamente iniciei a rogar ao Pai que abençoasse essas pessoas, dando-lhes quaisquer coisas de que necessitassem para elevar seu espírito, alegrar seu coração e permitir-lhes ficar firmes — *perseverar* — até que se reunissem a ele.

Continuamos com o programa: cantando, suas vozes trêmulas seguiam as nossas; abençoamos e distribuímos o sacramento, enquanto eles o tomavam vagarosamente, com mãos trêmulas. Comecei a sentir o espírito crescendo em nosso redor como dois braços a nos enlaçar. Não estávamos a sós neste recinto. Nenhuma dessas pessoas se sentiu solitária, percebi com surpresa. Suas faces podiam ser velhas, cansadas e enrugadas, mas eram serenas e radiantes, especialmente após a administração do sacramento. E quando papai começou seu discurso, eles ouviram sem os murmúrios, os bocejos, e as inquietações a que estava acostumado em nossa ala. Eles ouviram atentamente a voz serena e gentil de papai; mais que isso, estavam ouvindo as preciosas palavras que ele proferia. Estavam recebendo conforto além daquele que o mundo tem a oferecer. Um pequeno arrepio passou-me pela espinha. Naquele dia, o Espírito Santo tornou-se alguém para mim, ao invés de alguma coisa.

Dirigimos por longa distância em silêncio, após a reunião. Olhei para o sopé das montanhas, com as touceiras sendo sopradas pelo vento.

“Papai, esse é o propósito da obra missionária, não é?” “As horas, o exercício, os quatro alimentos básicos, a memorização de escrituras — todos esses são — “não conseguia dizer o que desejava.

“Eles são as ferramentas. O corpo saudável, a mente preparada, o conhecimento do plano do Evangelho, a disciplina para ir adiante, quando você está cansado ou frustrado — são unicamente as ferramentas. Elas lhe permitem usar seu sacerdócio —”

“Para abençoar as pessoas,” terminei, maravilhado. “Para realmente abençoá-las, fazer uma diferença em sua vida, em sua vida eterna ”

“Ei, Élder Ericson! Vamos embora! Temos que dar uma palestra logo após o almoço, lembra se?” Élder Shumway aceitou para seu companheiro do saguão de entrada da casa da missão, tentando colocar uma pilha de livros e panfletos sob um braço, enquanto se esforçava para colocar o casaco.

“Percebo o que você quer dizer, Élder.” Disse eu suavemente. “Você realmente iniciou a missão mais cedo.”

“Bem,” retrucou ele, enrolando seu cachecol no pescoço e vestindo o casaco, “digamos que passei por algumas de minhas frustrações em casa, ao invés de fazê-lo aqui. Aprendi a cuidar da parte mecânica, suavemente. Levantar cedo, comer de maneira adequada, aprender as escrituras, manter-me em forma, organizar discursos, adotei esses hábitos antes da missão, não durante. Mas o que é ainda mais importante, obtive uma pequena visão, só uma olhadela, para o que tudo isto é. Portanto, sei que vale a pena, e um pouco mais — graças ao meu pai.” Ele deu uma risadinha. “Meu pai — o companheiro sênior!”

E assim ele foi embora.

Mórmons Conhecem o Rei de Espanha

Uma rápida audiência com o Rei Juan Carlos de Bourbon foi um dos muitos destaques da recente visita à Espanha, feita pelo Élder Gordon B. Hinckley, do Conselho dos Doze.

Em sua companhia viajaram o Élder Neal A. Maxwell, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, o Élder Charles A. Didier, do Primeiro Quorum dos Setenta, e também compareceu o Presidente Sterling Nixon, da Missão Espanha-Madri.

Os quatro conversaram brevemente com o monarca, quando de sua inesperada interrupção das férias, para atender a uma reunião de emergência de seu gabinete, em Santiago de Compostela.

“O rei foi amigável, e mostrou interesse no que estávamos fazendo”, disse o Élder Hinckley. “Conhecê-lo foi uma experiência particularmente agradável.”

Os membros da Igreja na Espanha oravam para que o rei e os líderes Mórmons pudessem encontrar-se. Mas sabiam que o rei sempre tira suas férias em agosto — exatamente o mês em que o Élder Hinckley viria à Espanha.

“Uma coisa notável aconteceu”, disse o Élder Hinckley, para tornar possível o encontro. No dia em que o rei chegou a Santiago para sua reunião de emergência, os líderes Mórmons também chegaram para realizar um seminário para os presidentes de missão do Oeste Europeu.

A agenda do rei naquele dia estava cheia, disse o presidente Nixon. Ele não tinha tempo para ninguém — mas viu os Mórmons.

O Élder Hinckley disse que visitar a Espanha naquela ocasião “foi uma experiência sumamente inspiradora. É maravilhoso observar a reação do povo daquele país, onde a Igreja se encontra organizada há relativamente poucos anos.”

Disse ele: “Meu filho mais moço (o Élder Clark B. Hinckley) foi um dos primeiros quatro missionários enviados à Espanha para iniciar o trabalho em 1969. Para mim, ir lá nove anos depois, e encontrar três missões fortes e um povo tão amigável foi uma experiência inesquecível.

As três missões são: Barcelona Espanha, Madri Espanha, e Sevilha Espanha).

“Confio que a Igreja tem um grande futuro nesta terra, e fui inspirado pela força dos membros, a maioria dos quais são membros da Igreja há bem pouco tempo ”

ABNEGAÇÃO

Elder Vaughn J. Featherstone
do Primeiro Quorum dos Setenta e
Presidente da Missão Texas-San Antonio



T
vi
M
as

vi
pe
10
vi
di
es
re
ac
de
ol
bé
E
pr
de
co
32

in
no
ca
qu
tin
es

di
m
se
ra

NO

Nestes últimos meses, tive uma das mais gloriosas oportunidades de serviço na Igreja, a de ser um Presidente de Missão. Esta experiência me levou ao assunto deste artigo — “Abnegação”.

O Salvador disse: “Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim acha-la-á”. (Mateus 10:39. Itálicos adicionados.) Durante sua visita aos habitantes deste continente, ele disse: “Bem-aventurados são os pobres em espírito *que vêm a mim*, pois deles é o reino dos céus.” (3 Néfi 12:3. Itálicos adicionados.) Nos últimos dias, também declarou: “Eu mando e os homens não obedecem; revogo e eles não recebem a bênção. Depois dizem em seus corações: Esta não é a obra do Senhor, pois suas promessas não se têm cumprido. Mas ai desses, pois embaixo os espera a sua recompensa, e não em cima.” (D&C 58: 32-33.)

A abnegação é uma das maiores e mais importantes indicações de caráter visíveis nos melhores homens que conheço. É uma característica que muitos adquiriram quando jovens. Há alguns anos atrás, o time de natação da Universidade de Yale estava quebrando muitos recordes mun-

Certo élder em nossa missão teve alguns problemas de saúde bem sérios. Ele tinha uma alergia na pele, problemas bronquiais e de sinusite. Quando cheguei à missão, ele estava dormindo até tarde com medo de ficar com uma condição de fraqueza e correr o risco de gripar-se. Quando chegava para almoçar, dormia por algumas horas, para evitar de apanhar resfriado ou gripe. Seu companheiro estava frustrado e telefonou-me.

Telefonei ao médico do élder. Ele disse: “Bem, sua condição é ruim, mas é melhor do que quando ele chegou ao campo missionário. Ela não vai modificar-se muito, não importa quantas horas trabalhe.” Chamei o élder ao escritório e sugeri que preferia vê-lo legitimamente doente com gripe, do que sempre preocupado com ela. Debati com ele o princípio do sofrimento em silêncio, de simplesmente ir trabalhar e fazer o que o Senhor o havia mandado. Eu disse: “Seu médico declarou que sua condição não vai modificar-se, quer você faça muito ou pouco. Fizemos e estamos fazendo tudo o que podemos. Por que você não aprende a suportar seus sofrimentos, sem mencioná-los a ninguém e sem mostrar qualquer sinal de que está doente,”

“A vocês, meus jovens amigos,
que se estão preparando para a missão,
lembrem-se de que não é uma das
experiências mais gloriosas da vida,
por ser fácil . . .

diais. Alguém perguntou ao treinador como ele estava conseguindo isso. Ele disse: “Eu os ensinei a ultrapassar a barreira da dor.”

Abençoado seja ele, pois ouviu o conselho e o pôs em prática. Ele se tornou um dos melhores missionários desta missão. Tornou-se um companheiro sênior treinador de novos missionários, e um líder de grupo, dentro de seis semanas. Que grande missionário ele é agora! Descobriu como sofrer em silêncio e realizar

a obra. Ele é um ótimo exemplo de abnegação.

Outro missionário tinha um problema nas costas. Sentia dores constantemente. Ele ignorava que eu sabia de sua condição. Amava tanto o trabalho missionário, que mantinha isso em segredo, com

te para ser desobrigado, implorou-me que o deixasse ficar mais dois anos na missão.

A vida missionária não é fácil. Requer abnegação, esforço mental e físico, maturidade, autodomínio, espiritualidade e uma atitude mental muito forte e positiva. Requer que um élder seja um homem,

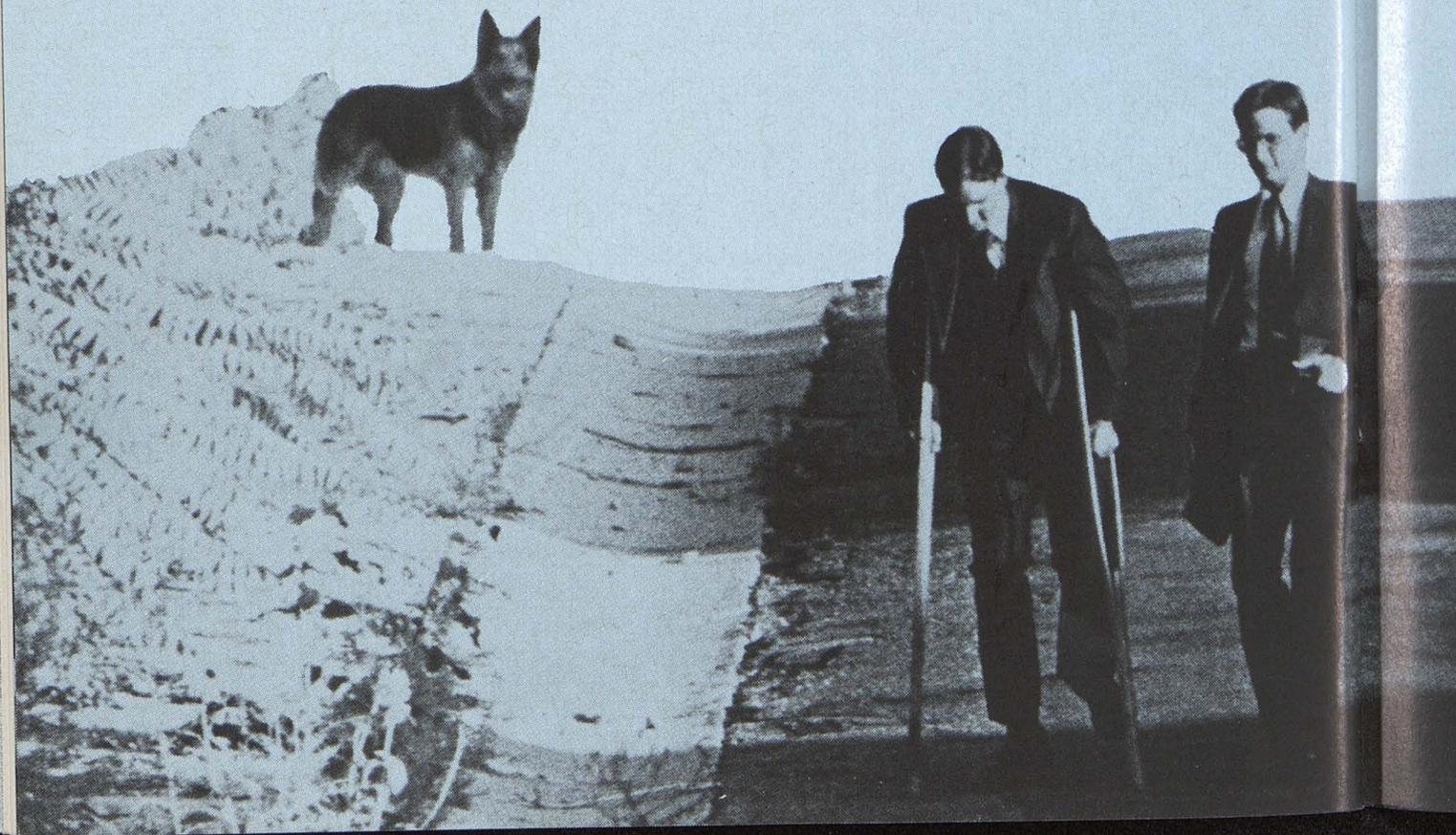
A realização virá ao missionário que está desejoso de praticar abnegação.”

“Esforcei-me para ir à frente e disse-lhes: ‘Pode olhar-me nos olhos e prometer-me que conseguimos batizar aquelas 10 pessoas?’”

medo de que fosse desobrigado da missão. Outro grande élder havia arruinado os dois joelhos em uma competição esportiva. Ele pediu uma bênção ao presidente de missão anterior, e foi capaz de preservar por mais um ano completo. A cada passo que dava sentia dor. Quando o entervis-

não um garoto. Uma missão deve ser uma vida espartana. Requer elasticidade e um compromisso total.

Vocês, meus jovens amigos, que se estão preparando para a missão, lembrem-se, de que não é uma das experiências mais gloriosas na vida, por ser fácil. As



recompensas não vêm pelo encanto do chamado nem da atenção pessoal e cumprimentos recompensadores devido às designações para lugares exóticos. Não é uma época onde um crescimento ocorre automaticamente. A namorada de um jovem élder ou seus pais que o persuadiram a fazer uma missão contra sua vontade, ou lhe ofereceram alguma recompensa quando ele terminasse a missão, prestavam-lhe um grande desserviço.

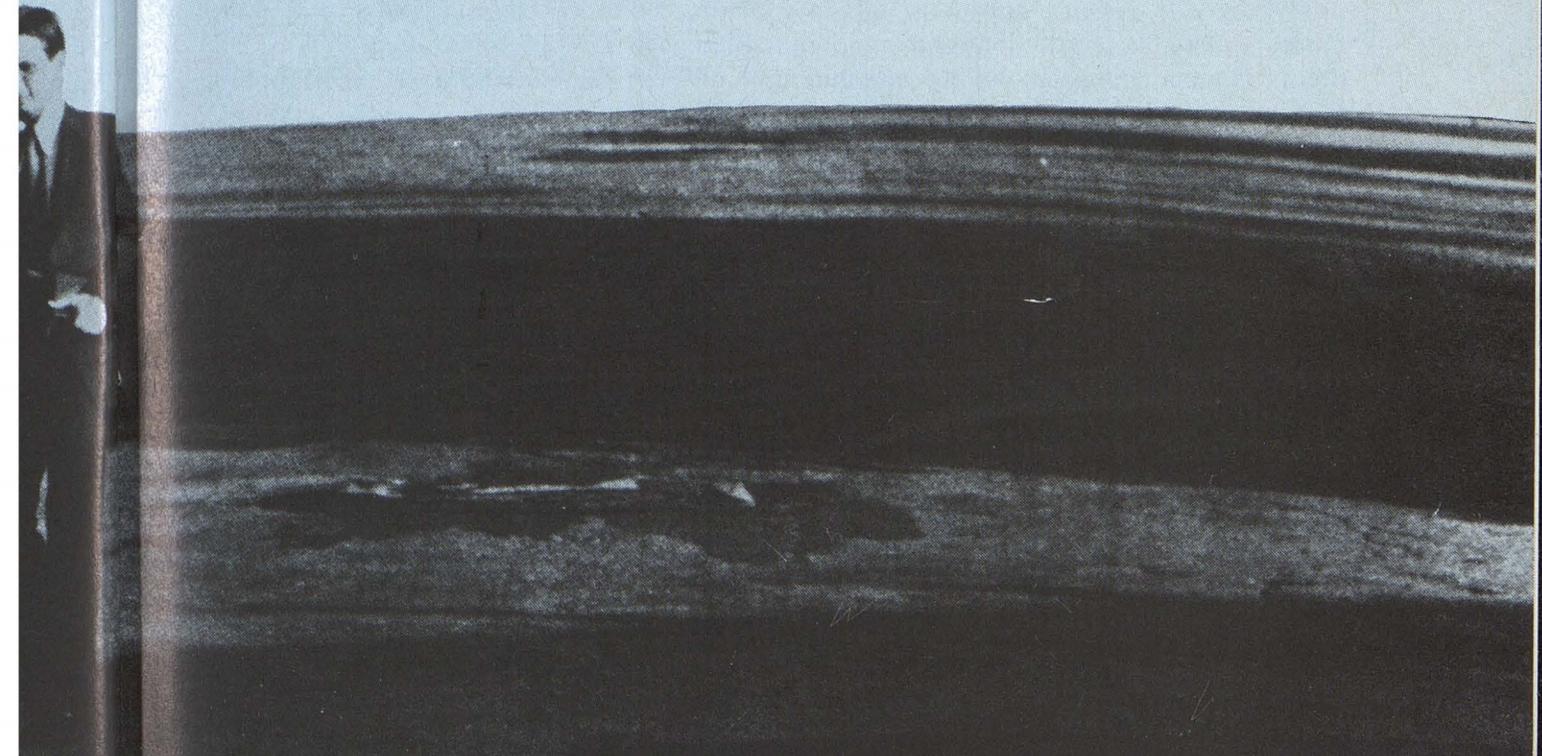
Não precisamos mostrar recompensas ou fazer promessas a um élder. Tais coisas são vazias.

A realização virá ao missionário que está desejoso de praticar abnegação. A recompensa virá daquele a cujo serviço nós nos alistamos. Nenhuma outra recompensa ou compensação pode ser comparada ao salário recebido do Senhor da vinha.

A abnegação pode tomar forma em muitas maneiras diferentes. Pode estar retardando uma educação ou casamento.

Ela geralmente requer um compromisso de estudar as escrituras e as palestras, ao invés de apreciar a televisão e o cinema. Requer economizar dinheiro para a missão, ao invés de gastá-lo em gratificações pessoais.

A abnegação torna-se um hábito em todas as suas formas, como o são as drogas, nicotina, ou álcool. A leitura de matéria pornográfica vicia. Parar de ler tais coisas requer grande autocontrole e um sofrimento dos sintomas de eliminação tão fortes quanto aqueles causados ao se parar de fumar ou beber. Jogar, assistir à televisão em excesso, comer em demasia, dormir muito, pensamentos descontrolados, paixão, falar palavrões, contar histórias sujas ou baixas, vestir-se imodestamente, mentir, enganar, jogar baralho, tudo vicia. Se você não concord, tente mudar. Você terá fortes dores de eliminação. Por outro lado, a vida de abnegação cria força de caráter, integridade, saúde, autocontrole, confiança e respeito próprio.



Esta geração de jovens na Igreja está exposta a dois grandes extremos. O mundo polarizou as pessoas em dois grupos. Estes pólos estão separados como que por um oceano. Nossos jovens não estão buscando a vida fácil. Não é o encanto ou os lugares exóticos que convencem nossos jovens a saírem em missão. É a vida de serviço ao próximo, o desejo de tornar-se cada vez mais espiritual, a busca da pureza de coração. É o empenho na causa do Mestre — o desejo de estar envolvido em uma causa que requer um compromisso total da alma e mente.

Temos uma adorável moça convertida à Igreja. Seu pai é ministro batista. Falei a um grupo de jovens adultos e os aconselhei sobre casamento no templo, conforme o Presidente Kimball nos havia solicitado. Mais tarde, em uma reunião de testemunho, ela disse: “Fui convertida à Igreja. Meu pai é ministro batista. Quase lhe parti o coração ao unir-me à Igreja Mórmon. A única esperança que ele tinha de salvar sua filha ‘desobediente’, era realizar a cerimônia de casamento quando eu me casasse. Ele não só não terá condições de realizar a cerimônia, mas também não poderá estar em meu casamento. Amo bastante meu pai e minha mãe, mas preciso seguir o conselho do profeta e casar-me no templo.”

Milhares de pessoas ouvem os missionários e acreditam que a Igreja é verdadeira. Alguns confessam ter um testemunho da veracidade do *Livro de Mórmon* e de Joseph Smith. Contudo, quando consideram os muitos supostos prazeres da vida a que terão de abandonar, podem aos missionários que não voltem.

Muitos não podem negar a si mesmos a gratificação física de um cigarro, uma bebida alcoólica, ou outros vícios. Assim, em um instante, que nunca esquecerão na eternidade, destróem uma oportunidade de seguir as pegadas de Jesus e tornarem-se co-herdeiros com ele no reino de nosso Pai.

Há pouco tempo, numa manhã de sábado, fui ao aeroporto despedir-me dos

élderes Gibson e Cornet. O Irmão Jackson também foi ao aeroporto naquele dia, para ver o Élder Gibson. Antes que o Élder Gibson entrasse no avião, o Irmão Jackson deu-lhe a mão, e com os olhos lacrimejando, disse: “Você se lembra do dia em que estava correndo e eu lhe disse que saísse de minha aula na Escola Dominical e nunca mais voltasse,” Élder Gibson disse calmamente: “Sim.” O Irmão Jackson respondeu: “Graças a Deus você voltou”.

Recebi uma carta de Élder Mortensen, que serviu em Buenos Aires, Argentina: “Seis meses antes que eu terminasse a missão, o senhor falou na Conferência de nossa missão, em Buenos Aires, Argentina Senti o Espírito com tanta força sobre mim, que logo após fui impelido pelo Espírito a buscar uma promessa sua. Esforcei-me para ir à frente e disse-lhe: ‘Pode olhar-me nos olhos e prometer-me que conseguirei batizar aquelas dez pessoas,’ Nem me lembro se aquelas foram minhas exatas palavras, mas expressavam o desejo que eu tinha então. Eu não havia batizado nenhuma pessoa, e minha missão terminaria em breve. O senhor olhou-me nos olhos e prometeu com voz segura que, se eu fosse fiel ao máximo e trabalhasse com todo o meu coração, poder, mente e força, batizaria as dez pessoas. Sabia em meu coração que o senhor não poderia estar mentindo, e tive a certeza de que havia recebido a promessa que buscava.

“Trabalhei com todo o meu coração, poder, mente, e força, e minha missão terminou após dois anos de esforços fiéis. O Senhor realmente me abençoou, e a promessa cumpriu-se. Por aproximadamente dois anos, eu não havia batizado ninguém. No último sbado de minha missão, meu companheiro e eu entramos nasguas e abrimos as portas do Reino de Deus para 15 lindos e arrependidos filhos de nosso Pai Celestial.”

A promessa que fiz era fácil e poderia ter sido realizada por qualquer líder do sacerdócio. Élder Mortenson obteve a vi-

são do serviço altruísta total, bem como abnegado, e alcançou sua meta.

“Os líderes necessitam submeter-se a uma disciplina mais rígida do que se espera de outros. Aqueles que estão em primeiro lugar, devem estar em primeiro também em merecimento.” (Autor desconhecido.)

Clarence Sharer disse: “As verdadeiras qualidades de liderança encontram-se naqueles que estão desejosos de sacrificar-se pela causa de objetivos altos o suficiente, que requeiram sua lealdade total e irretirada. O simples fato de ocupar uma posição de liderança não torna o homem um líder. . . Se você deseja ser um verdadeiro líder, precisa suportar solidão, . . . deve suportar o cansaço. Liderança requer visão.”

Corre na Universidade de Harvard que o falecido LeBaron Russell Briggs, por muito tempo o querido deão da faculda-

de, certa vez perguntou a um aluno por que ele havia deixado de completar uma designação.

“Não me sentia muito bem, senhor,” disse o aluno.

“Sr. Smith,” disse o deão, ‘Acho que com o tempo, vai perceber que a maioria das obras do mundo são feitas por pessoas que não se estão sentindo muito bem.’”

A pessoa que sinceramente envolveu em sua vida os princípios da abnegação, descobre que eles trazem mais alegria e satisfação do que o acúmulo de fortuna.

No decorrer de minha vida, já tive todos os tipos de experiência, mas sempre que pratico a abnegação, sinto uma grande força por todo o meu ser, e maior proximidade com o Pai Celestial. Envolve-me num sentimento cálido. Sei que a abnegação é um princípio verdadeiro.

Parque de Nauvoo Reverencia as Mulheres

A dedicação do Monumento às Mulheres, da Sociedade de Socorro, em Nauvoo, reuniu mais de 20.000 membros da Igreja, nos dias 27 de junho a 1.º de julho de 1978.

A dedicação do parque com suas 13 estátuas foi realizada em três sessões separadas, entre 28 e 30 de junho.

O Presidente Spencer W. Kimball presidiu, discursou e ofereceu a oração em cada uma das sessões dedicatórias.

Os outros oradores foram o Presidente Ezra Taft Benson, Élderes Bruce R. McConkie e L. Tom Perry, do Conselho dos Doze; a Presidência Geral da Sociedade de Socorro, Barbara B. Smith, Janeth R. Cannon e Marion R. Boyer; e a presidente anterior da Sociedade de Socorro, Belle S. Spafford.

Na oração dedicatória, o Presidente Kimball exprimiu sua gratidão pelo fato de que os primeiros membros da Igreja, exilados de Kirtland, Adam-Ondi-Ahman e outros lugares, dirigiram-se finalmente às terras pantanosas nas quais prepararam um magnífico local para construção de lares para um povo que amava o lar.

Referiu-se à Nauvoo daqueles dias como sendo “uma região não convidativa, mas um lugar de possibilidades, onde um solo firme poderia ser encontrado, onde cabanas toscas poderiam ser erigidas, onde lares confortáveis e atraentes poderiam ser estabelecidos, e um magnífico templo seria erigido ao Teu nome e glória.”

Exprimindo sua gratidão pelo fato de que muito da beleza e glória de Nauvoo foi restaurado, ele disse: “Somos gratos de que a organização da Sociedade de Socorro, com seus milhões de esposas e mães de patriotas e peregrinos, encontrou o local para embelezar e tornar memorável a grande obra iniciada pelo Profeta Joseph Smith, quando ele deu as chaves à sua esposa, Emma.”

